

CEDOP

Curso de reciclagem para professores seringueiros

CEDI	EDUCAÇÃO POPULAR E ESC. POPULAR
documentação	
N.o	EOL4443
Data	19/10/87



Rio. Branco
janeiro 86

Bento 86

BREVE HISTÓRICO DO PROJETO E APRESENTAÇÃO DO MATERIAL.

O Projeto Seringueiro é uma das muitas experiências alternativas que nos últimos dez anos têm se espalhado nos vários recantos do país. Bem intencionado, ele surgiu em 1981 com o objetivo de desenvolver uma proposta alternativa junto a seringueiros autônomos, na área econômica, de saúde e educação, no município de Xapuri, Acre. O projeto visava a organização de pequenas cooperativas de produção e consumo, implantação de postos de saúde e escolas. A justificativa para o desenvolvimento de tal proposta estava na constatação da situação de exploração vivida pelos seringueiros na comercialização de seus produtos; das condições precárias de saúde à falta de atendimento médico básico e do grau de analfabetismo e desconhecimento de operações matemáticas, servindo como armas ideais de ludibriações pelos marreteiros, patrões e fazendeiros da região. O trabalho se caracterizava como experiência piloto e desta forma atingia pouquíssimos seringais. No processo de desenvolvimento da proposta muitas coisas foram se modificando. O trato direto com as comunidades, com a sociedade envolvente, com as mudanças conjunturais ocorridas e as controvérsias características dos trabalhos alternativos, nos levaram a repensar várias vezes o nosso papel e definir a partir das condições de trabalho do grupo e das perspectivas das comunidades, a nossa ação. Isso significou assumir com maior dedicação uma das linhas da proposta - a educação - com a perspectiva de formular junto com os seringueiros uma proposta de escola viável, adaptada as suas condições de vida e voltada para seus interesses.

Esse trabalho mais dirigido tem se dado no processo de implantação de seis escolas numa característica comunitária e em parceria entre comunidade e Projeto, cabendo à comunidade a mobilização para a existência da escola e a construção do espaço físico da mesma, bem como, apresentar pessoas em condições de serem capacitadas no desenvolvimento do processo de alfabetização dos alunos. Ficando ao Projeto a função de assessorar essas comunidades na viabilização da escola. E como uma das formas de viabilizar estas, cabe ao Projeto a tarefa de preparação dos monitores (professores) seringueiros para o exercício de suas funções na comunidade.

Apresentamos aqui, o relatório completo do que foi o último curso de reciclagem para os monitores seringueiros. Com isso intencionamos registrar o trabalho e colocá-lo à disposição de pessoas e grupos interessados, assim como nós, em descobrir novos caminhos nesse universo tão amplo, a EDUCAÇÃO.

A EQUIPE.

RELATÓRIO DO CURSO DE RECICLAGEM PARA PROFESSORES SERINGUEIROS

PERÍODO: 02 a 16/08 e 02 a 19/09/85



Rio Branco, janeiro/86.

I N D Í C E

I. HISTÓRICO DO CURSO.....	pag.	02
II. CONTEÚDO TRABALHADO.....	PAG.	03
Português.....	pag.	"
Matemática.....	pag.	30
Geografia.....	pag.	37
História.....	pag.	40
III. OUTROS TEMAS.....	pag.	44
Definição do ano letivo das escolas.....	pag.	"
Discussão sobre o papel do monitor.....	pag.	47
O Planacre e o ecossistema amazônico.....	pag.	48
Histórico escolar de alguns monitores.....	pag.	49
GLOSSÁRIO.....	pag.	51

EQUIPE TÉCNICA:

Assessoria: Abel Kanaú (Assessor de educação indígena)
 Regina Hara (CEDI - SÃO PAULO)
 Arnóbio Marques de Almeida (Prof. História/CESEME)

Execução do curso:

Português: Marlete de Oliveira (Proj. Seringueiro)
 Abel Kanaú
 Matemática: Armando Soares Filho (Proj. Seringueiro)
 Geografia: Armando Soares Filho
 História: Manuel Estébio C. Cunha (Proj. Seringueiro)
 Arnóbio Marques de Almeida

Outros temas: M^ª de Fátima Ferreira da Silva (Proj. Seringueiro)
 Abel Kanaú
 Equipe do Projeto Seringueiro

Apoio estrutural: Dercy Teles de C. Cunha (Proj. Seringueiro)
 Raimundo Nonato F. de Souza (Proj. Seringueiro)

Apoio financeiro: COORDENADORIA ECUMÊNICA DE SERVIÇOS-CESE
 Salvador - Bahia
 SECRETARIA DO MINISTÉRIO DA CULTURA-MC
 Brasília-DF

Montagem do material: Marlete de Oliveira
 M^ª de Fátima Ferreira da Silva

Colaboração gráfica: Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Cultura e do Desporto/Acre

Agradecimentos: Inspetoria de Ensino de Xapuri - Colégio Divina Providência, paróquia São Sebastião, Sindicato dos trabalhadores de Xapuri, Grupo de Teatro Mariama (Ademir), Silvio Cavuscens (registro fotográfico).

I. HISTÓRICO:

O presente relatório tem como objetivo apresentar o trabalho realizado com os professores seringueiros, no período de 02 a 16 de agosto e 02 a 19 de setembro em Xapuri, no Colégio Divina Providência e numa sala de catequese da Paróquia de São Sebastião.

O curso foi organizado pela equipe do Projeto Seringueiro visando o aprofundamento de conhecimentos indispensáveis ao desempenho dos professores no processo de alfabetização desenvolvido nas escolas no seringal.

Para a organização e planejamento do conteúdo e estrutura física do curso foram realizadas visitas às escolas com o objetivo de levantar o conteúdo através de observações do processo de alfabetização e aplicação de exercícios de avaliação para os professores e alunos. No tocante a estrutura física estabelecemos contatos a nível de Rio Branco e Xapuri com a SEC/AC, prelazia do Acre e Purus, Inspetorias de Ensino e Paróquia de São Sebastião.

Com base nos resultados dessas visitas realizadas entre maio e junho com duração de 30 dias, que foram basicamente: o pouco domínio da língua escrita; falta de critérios no uso da caligrafia; no processo de alfabetização; erros de ortografia; falta de domínio nas questões de pontuação; não absorção do conjunto de objetivos para o qual está montada a cartilha; pouco domínio no discurso que o material (PORONGA) propõe; dificuldades na aplicação das unidades e a não aplicação de nenhuma delas em algumas escolas; interesse por outros temas tais como: saúde, história e geografia, a equipe juntamente com a assessoria de Regina Hara, Abel Kanaú e de Arnóbio Marques de Almeida, passou a preparação do conteúdo do curso durante todo o mês de julho numa divisão de grupos de trabalho no esquema seguinte: Marlete, Kanaú e Regina trabalhando as questões de português; Armando as questões de matemática e geografia; Manuel e Arnóbio as questões de história; e os outros temas sendo levantados e organizados pela equipe do Projeto como um todo.

Participou conosco da primeira fase do curso, Joacy Gomes de Oliveira, membro da equipe do MEB de carauari que também desenvolve trabalhos na área de educação, num caráter de contribuições e troca de experiências.

Nos é oportuno ressaltar que apesar do curso ter tido um caráter de reciclagem, participaram dele, seringueiros de outras áreas do município, escolhidos pelas comunidades para capacitarem-se como alfabetizadores dado as reivindicações de implantação de novas escolas na linha proposta pelo projeto Seringueiro.

II. Conteúdo trabalhado:

Português.

Considerando as dificuldades dos professores já salientadas no histórico deste relatório, passamos a uma discussão mais profunda levantando as dificuldades inerentes da língua portuguesa e a introdução desta de forma escrita no mundo cultural, predominantemente oral, dos seringueiros.

Essas discussões realizadas com Regina, que participou durante quatro dias da parte preparatória e Kanaú que trabalhou também na execução da 1ª fase do curso, nos levaram a questões importantes (vide relatório de acompanhamento do CEDI ao Projeto Seringueiro) que por sua vez, delineou a metodologia de trabalho no repasse das informações aos professores.

Somente a partir daí, passamos à aquisição e elaboração de materiais necessários a realização dos trabalhos e estabelecemos cronologicamente o programa a ser desenvolvido no curso. A situação indicou que deveríamos trabalhar as questões de português sem interrupções, o que levou uma semana, sendo o seguinte:

Primeira fase:

- 1º Tema: O uso da língua escrita
Enfoque: para que serve a escrita?
- 2º Tema: Níveis de linguagem
- 3º Tema: produção de textos
- 4º Tema: caligrafia
- 5º Tema: ortografia
- 6º Tema: gênero e número
- 7º Tema: o papel do monitor

O restante dos dias foram alternados com matemática. Nesse espaço de tempo fizemos um trabalho de correção de textos.

Como cada tema foi trabalhado:

Durante todo o curso optamos por uma metodologia expositiva e participativa ao trabalhar todas as informações de português, tendo o cuidado de resgatar dos professores a compreensão do conteúdo para a partir daí, chegarmos aos objetivos de cada tema.

USO DA LINGUA ESCRITA :

Esse tema foi trabalhado de forma expositiva, para deixar os professores com embasamento para compreensão do uso e da comunicação através da escrita e aos poucos, chamá-los à uma participação maior nas discussões.

Como recurso para expor a forma como o tema foi trabalhado usaremos aqui, transcrição de alguns trechos da fita gravada no curso.

Kanaú: ... Quando vocês estão aprendendo a escrever, vocês estão aprendendo um outro tipo de linguagem. De repente você quer se comunicar com seu comrade que mora lá na outra colocação, um jeito de você se comunicar com ele é indo lá e falando com ele. O outro jeito é você escrever um bilhete prá ele, escrever uma carta, uma mensagem por rádio... quer dizer, isso é uma outra forma de escrita e, isso tudo a gente chama da forma de linguagem... a linguagem falada, serve também como linguagem oral. Vocês já ouviram falar nessa palavra, oral? Falou oralmente, disse oralmente, as vezes diz: falou bocalmente. Então, esse bocalmente é esse tipo de linguagem que é falar... bem, a outra forma de linguagem é a forma escrita, então é a linguagem falada e a escrita. Isso que eu falei: a medida que vocês vão aprendendo a escrever, vocês estão aprendendo também uma outra forma de linguagem que é a escrita. E que outras formas mais? Será que é só a falada e a escrita? Ou existe outras formas, outros jeitos da gente se comunicar? Alguém conhece? sabe descobrir que outro tipo de linguagem existe?

Monitores: Telefone.

Kanaú: Mas o telefone é por fala.

Monitores: telegrama.

Kanaú: Telegrama é escrita.

Monitores: Tem o mudo (completa com aceno).

Kanaú: Exato, tem uma linguagem que é por sinais.

Monitores: O som.

Kanaú: Som, por música... linguagem musical. Tem uma outra também que é linguagem visual.. Bem, o nosso objetivo aqui nessa primeira parte é discutir um pouco esse tipo de linguagem escrita. Então vamos ver para que serve a língua escrita: Escrever os problemas que aconteceu dentro do seringal e para através desses escritos reivindicar os direitos...

Marlete: É importante vocês perceberem que a forma escrita, ela tem um valor quando o seringueiro sai do mundo dele, sai do seringal. No seringal, a gente costuma se comunicar muito através da palavra. Quando vai fazer um negócio, vender uma colocação, trocar, não se escreve nada, só se fala. Já quando o seringueiro vai tratar de assuntos fora, com o sindicato, com o prefeito, com o governador, quer dizer, a palavra falada perde muito seu valor, o escrito,

o documento tem mais valor.

A partir das discussões, algumas conclusões foram tiradas a respeito do papel da linguagem escrita na cultura do seringueiro.

1. A importância da escrita para resgatar a história dos povos, bem como a história do seringueiro, do barracão, do "cativeiro", das lendas e, a possibilidade dos próprios seringueiros serem os autores de suas próprias história através da escrita.
2. A escrita pode ser um instrumento de luta dos seringueiros pelos seus direitos porque possibilita mais um canal de informações.
3. Necessidade dos seringueiros, adquirir outros conhecimentos e informações do que acontece fora do seu mundo. poder acompanhar através da leitura de livros, revistas e jornais o que se passa no país, no mundo.

NÍVEIS DE LINGUAGEM:

Para este tema, ainda relacionado com o anterior, foi usado a mesma metodologia com a qual pretendíamos chegar junto com os professores à razões mais concretas para estarmos estudando e ensinando a comunidade através da linguagem escrita, ou seja, a partir daí, dar sentido ao trabalho de aprender e ensinar o português.

Ambos os temas foram trabalhados com as intervenções participativas da equipe do projeto e dos monitores, tanto nas exposições quanto nas discussões.

Houve a princípio um bate-papo introdutório ao tema, onde se conversou dos níveis do conhecimento humano: conhecimento empírico e científico, como recurso adicional ao atendimento da existência também de vários níveis na escrita.

Do conhecimento empírico, partindo do significado da palavra e de que todo ser humano tem conhecimentos, foram levantados com o grupo uma série de conhecimentos que os seringueiros adquirem através da prática de suas vidas e, feito as diferenciações entre os dois níveis citaremos apenas dois desses conhecimentos: o seringueiro sabe que cortando a árvore da seringueira sai leite (látex) e que se cortar de um determinado jeito pode matar a seringueira; quando "levanta" um temporal de um determinado lado (sul, norte, leste, oeste), sabe se é chuva ou friagem (frentes frias dos Andes) sabe que os temporais trazem trovões e relâmpagos.

Do conhecimento científico, definido como forma de conhecimento mais

aprofundado da existência das coisas. delineou-se alguns deles: A formação genética da seringueira; a idade das árvores; o que causa as friagens; o que provoca o relâmpago e os trovões.

Salientou-se a não necessidade de passar pela universidade, para adquirir alguns desses conhecimentos científicos se as pessoas sa bem a escrita. Que quanto mais se ler e maior tiver conhecimento da escrita, pode-se também chegar a conhecimentos científicos. E a importância do seringueiro procurar esses conhecimentos.

Em seguida, passamos a discutir os diferentes níveis dentro da linguagem escrita, usando como introdução a transcrição em manuscrito de dois textos no quadro negro, para que os monitores fizessem a leitura e interpretação da mensagem. Um texto era uma bula de remédio da Divisão Farmacêutica LAFI e o outro um trecho do livro do seu Hélio Melo (ex-seringueiro, artista, escritor, músico e compositor), "O Caucho, a seringueira e seus mistérios".

1º Texto: A tirostricina destrói rapidamente as bactérias gram-positivas, aeróbias e aneróbias, principalmente nas pregas vulvares. Esta atividade bacteriostática e bactericida desenvolve com grande rapidez e com inocuidade para os tecidos...

2º Texto: O patrão, ou seja, o seringalista, tem todo o interesse em cblocar o seringueiro para produzir borracha. Para abrir estradas tem o mateiro e tem o toqueiro, que é o ajudante.

O mateiro, ao achar a árvore da seringueira, faz sinal batendo com o terçado na mesma, e o toqueiro, que escuta o temido do terçado...

A leitura do primeiro texto foi feito com bastante dificuldade da do as palavras difíceis e, não houve comunicação, por que a mensa gem não foi entendida. Ao contrário do primeiro, o segundo texto foi lido com fluência e a prova de que a mensagem havia sido veiclada aos receptores foi o comentário imediato do texto.

A partir daí, discutiu-se a linguagem de cada classe: do médico, da advogado, do engenheiro, do seringueiro e outros, colocando a comunicação dentro de uma mesma linguagem, ou seja, comunicação do médico com médico e esta, entre várias classes exemplificando casos onde essa comunicação não se dá, tanto na formal oral quanto na escrita.

Como conclusão do trabalho com os dois temas tratados, e como forma de resgatar dos monitores, de forma escrita, a compreensão do conteúdo dado, pedimos que eles escrevessem um texto sobre os assuntos falados até então, aos quais xerocamos alguns para que o leitor

possa acompanhar melhor esse trabalho (vide textos anexos no final deste capítulo).

Uma vez redigidos os textos, paramos um dia para fazermos a avaliação dos mesmos e, detectar se haveria algum conteúdo necessário para o curso, que não estivesse previsto.

Segue-se os pontos levantados na avaliação:

- Uso incorreto do espaço do papel no ato da escrita;
- Dificuldade de organização e elaboração do pensamento na escrita (passagem da comunicação oral para a escrita);
- Retensão do conteúdo trabalhado na oralidade;
- Falta de entendimento de enunciado.

O quadro da avaliação mostrou que a maioria dos monitores não sabiam utilizar o espaço do caderno para a escrita, considerando margem e espaços de pontuação. A facilidade na construção de frases, na elaboração do pensamento oral na escrita, e a retenção do discurso oral na escrita, era do domínio de poucos.

Observou-se ainda em alguns casos, o não entendimento do trabalho a ser feito, ou seja, sobre o que o monitor deveria escrever.

Voltamos a trabalhar com os textos escritos em sala de aula discutindo a avaliação com os monitores e exemplificando cada caso ocorrido.

Salientamos o fato da linguagem escrita não ter sido, até então, uma linguagem usual deles. Enfatizamos a necessidade de superar essas dificuldades para que eles pudessem comunicar-se efetivamente através da escrita e instruir outras pessoas, no caso, os alunos. Algumas noções básicas passaram a ser dadas no curso com esse objetivo.

Para transpor de forma clara, o discurso oral para a escrita, formulamos algumas sugestões:

. Ouvir uma mensagem no rádio e tentar escrever o que entendeu, e como entender; escrever a narração de alguma história ou fato ocorrido no seringal. Para isso, estabelecemos três passos:

Exemplo: "A seringueira nativa dá mais leite".

- 1º Pensar sobre a frase
- 2º Escrever do jeito que pensou
- 3º Ler como se fôsse outra pessoa que escreveu para ver se há entendimento do pensamento.

Outras questões que são notórias como mostram os textos, caligrafia, ortografia, acentuação, uso da letra maiúscula e minúscula, e etc, ficaram a ser levantadas em outros textos.

formas.

forma de linguagem

conhecimento empírico

científico. Níveis de linguagem

O patão tem todo o interesse de brata

o seriguelo na copocção

para produzi borraça

conhecimento empírico

conhecimento

científico

Amirera. figura ainda brata

tema uma explicação

Incatepianos: foi a ode do estado

eu entedi que paranoie

fasipita avida

patraf tem muito interesse

de copca o seriguelo com

em. tercio na produção

e que base toda sua animação

e quando o seriguelo

base muitas produção

Jonas.

Tipos de linguagens:

Como todos nós sabemos que existem vários tipos de linguagens, em primeiro lugar eu quero falar um pouco da nossa, que pra nós é a principal.

Pois vejamos bem.

Quando precisamos de se comunicar com uma pessoa, que está muito longe de gente, aí temos que usar a linguagem escrita. Ou seja, através de uma cartinha, teremos uma comunicação correta.

Também podemos usar muito bem a linguagem falada no mesmo caso de ausência, que é por meio do telefone:

Falando também um pouco de, o conhecimento científico, eu também entendi que tudo pode acontecer. É que nós também, podemos alcançar este conhecimento através dos nossos poucos estudos. Mas com uma boa atenção.

Níveis de Linguagens
 Falando em nível de
 linguagens, ~~em~~ o
 principal é Sabermos
 que também existem
 muitos outros tipos de
 níveis de Linguagens.
 Mas, o importante é que temos
 que colocar na cabeça que
 não existe nem um tipo
~~de~~ ~~lingua~~ em nível de
 Linguagem Superior ao outro.
 Por exemplo:
 Nós não sabemos o que
 um Inglês vê e fala
 P/ um de nós.
 É nem tampouco, se nós
 falarmos alguma coisa
 P/ um deles. Isto é
 Se ambos não tiverem o
 conhecimento com o nível
 de Linguagem.

Também existe outros ~~o~~ níveis de linguagens mesmo ~~no~~ dentro de uma só região, como vimos o exemplo de, o nível de linguagem do Seringueiro e o nível de linguagem dos ~~os~~ doutores de medicina.

Mas nenhum é inferior e nem superior um do outro. E também pode acontecer de chegar ao ponto de conhecermos o nível de linguagem de medicina. Que é através de estudos. Enquanto que os doutores, é alguns que ~~valorizam~~ valorizam a nossa classe.

Ademir Pereira Rodrigues

linguagem bocalmmente
O Compadre Aldo tinha da
cara dele pra minha viu
um bando de queitada.
aí ele disse bocalmmente
compadre forge no meio
da varação tá de cara
pra-car táva cheio de
queitada ~~e~~ vamos matar
uns.

forma de linguagem, Escrita

Cabreré em -10-9-95
Companheiro Francisco
Mendes. Escrevo estas
mal traçadas linhas.
para comunicar que aqui
na nossa comunidade
está tendo invasão pelos
paulista.

empirico o Aringueiro
 Chega numa moradia
 velha que tá com vinte
 anos que não morava
 niguem, mais o Aringueiro
 E Cientifico Ele Chega e
 diz pra-li dar uma estrada
 e pro lado do igarapé
 dá outra estrada e a
 sim ele abriu a colocação

O Cientifico é aquela
 pessoa que chega no
 meio do Rio e diz
 aqui tem uma mina
 e coloca o aparelho
 e verifica.

Jorge Antonio

Produção de textos:

O trabalho de produção de textos foi praticamente a característica do curso, por dois motivos: 1º pelo fato de se está introduzindo um novo código de comunicação, a escrita, num mundo onde essa comunicação é fundamentalmente oral. 2º para trabalhar as dificuldades da língua a partir de constatações concretas dessas dificuldades nos textos dos monitores.

Com base na produção do segundo texto, narração da história de um seringueiro, feita por um dos monitores, checamos as questões levantadas pelo exercício de avaliação (citado no histórico do relatório) e a pauta preparada para o curso. Não houve mudanças consideráveis. Durante todo o curso os monitores escreveram vários textos distribuídos nos seguintes temas: texto sobre a questão dos médicos que faziam um trabalho de saúde pública no município e que foram demitidos por pressões políticas; história do surgimento da escola no seringal; história de aprendizagem de cada monitor; história da vida de Dona Maria e um texto sobre alfabetização e outros. Discutimos parcialmente as várias características de textos, forma interpretativa, opinativa, narrativa e descritiva.

Caligrafia:

A questão da caligrafia foi introduzida pelo segundo texto produzido pelos monitores (narração da história de seringueiro). Os textos foram distribuídos a eles, de forma que o autor não ficasse com seu próprio texto. Cada um tentou ler sem muito sucesso a história escrita pelo outro. A maioria não conseguiu decifrar as palavras. A partir dessa constatação conjunta, discutimos o "porque" da necessidade de ter um padrão no código da escrita, a importância da definição da caligrafia no ato de alfabetizar e a personalização da caligrafia.

Uma vez chegado a compreensão disso, passamos a trabalhar os exercícios de caligrafia, que propunha de forma lenta, ensinar o caminho de cada letra. Primeiro apresentamos as vogais sozinhas e as junções, depois as vogais com as consoantes, considerando aí, a ordem alfabética, construindo sílabas, palavras e frases na medida que as possibilidades surgiam. Exemplo:

a.....	ão.....	au.....
e.....	ao.....	oi.....
i.....	ãe.....	uai.....
o... ..	ui.....	eu.....
u.....	ei.....	ou.....

b.....		
baba..	babou...	babão
aba...	baião	boi
beba..	bebi	bebeu
abiu..	bôa	ôba

A baba do abiu é bôa.

O boi é babão.

....



Os monitores iam exercitando várias vezes no caderno de caligrafia o movimento de escrever cada letra e como se dava o ligamento de uma com as outras. Durante todo o processo eles iam criando as palavras e frases possíveis e praticando a escrita (consultar registro do trabalho no caderno de caligrafia).

No final foi praticado as letras maiúsculas.

Vejamos no final deste capítulo os anexos dos textos dos monitores após o trabalho de caligrafia. É interessante comparar com os anteriores.

Alcino Monteiro.

A estória de Seu José

Quando Seu José morava no almiral mais o pai dele o pai dele cortava Seimbe era um homem muito Seimbe e era porque não tinha ajuda. Os filhos dele eram pequenos mas ele sózias fazia muita bonacha. Então o patrão de Seu José Ramualdo chegou lá na casa dele e viu muita bonacha e ficou com simpatia na bonacha.

E daí ele botou pressão no Seu José para comprar muitos alimentos para ele se alimentar e o pai do velho depois de muito tempo caiu na gôla dele. Lá começou a profundar sua conta mais com o dinheiro dele daí ele que de um dia pegou a espingarda para ir matar uma coxa e foi tanta zebra que ele não olhou logo a espingarda como era que estava e foi descendo a escada quando a bala saiu e acertou a espingarda caiu e estorou e cartucho no braço dele e levou para no hospital.

Ali o velho ficou dentro do hospital e a velha ficou em casa não podia trabalhar lá de no patrão ele ficou lá e cuidava para não piorar a velha daí o velho voltou para a casa dele um pouco melhor mas assim mesmo começou a trabalhar mais trabalhava muito pouco.

Ali o patrão veio na casa dele e queria botar ele fora. O Seu José disse que não iria porque quando ele estava com ele aqui e aqui não pois eu não saio e não saio se não o dinheiro Seu José falou.

Ali o velho fez muitas bonachas e pagou a conta.

Então o patrão vendo isso se revoltou com o velho pra negociar com ele dinheiro.

Seringal Boa Vista 08-08-85.

Eu mora no seringal Boa Vista, na colônia
pimenteira. Vejam bem o que acontece neste
seringal. Existem varios mercados dentro deste
seringal, mas acontece que eles a maioria são
desligados totalmente de trabalho de comunidade.
Veja bem o que fizemos.

Nós fizemos alguns encontros para tratar
assuntos sobre a nossa vida que hoje está
funcionando. Quando agente se encontrava-mos
todos juntos, toda comunidade concordava, quando
chegava a hora de construir a casa, 50% já
não lembravam mais do compromisso. Mas
a gente como acharamos que devíamos assumir
o seu compromisso, construímos uma casa
que hoje é a escola e já estamos vendo
um resultado maravilhoso. Pra mim o
seringal é uma boa.

No seringal, nós temos, arroz, feijão,
parinha de mandioca, casa-de-azúcar, temos
a milha que serve para criar-mos a porco, a
galinha, pato e também servir para a nossa
própria alimentação que é, o mucungá, o
pão-de-milho e quando o milho está verde
nós podemos fazer a canjica, a paucilha e
também consome assada.

Por isso mesmo é que eu mora no
seringal e não abra.

Vocês me conhecem? Eu sou o

Ademir Pereira Rodrigues

Pontuação:

De pontuação trabalhamos apenas as regras principais para compreensão de textos escritos: ponto, ponto final com parágrafo, ponto de interrogação, ponto de exclamação (por interesse dos monitores) e vírgula. Tomamos como base para exemplificar cada regra, trecho de texto dos monitores, apresentando o trabalho na forma seguinte:

Ponto: usa-se no fim da oração e quando acaba a frase.

"... Alguns anos atrás, aconteceu uma história de um patrão ambicioso."

(Texto de Jorge Gomes)

Ponto final com parágrafo: usa-se quando acabou o assunto e vai se iniciar outro.

(Foi utilizado dois trechos longos do texto de dois monitores, Pedro Teles e Jonas)

Ponto de interrogação (?): usa-se no final das perguntas.

"... O que aconteceu quando Zé Paraíba voltou?

O patrão não queria que ele ficasse mais na colocação porque não podia fazer mais a borracha que fazia antes."

Ponto de exclamação (!): usa-se quando indicamos surpresa, espanto, alegria ou tristeza.

"...Será que esta esperança é perdida? Ho meu Deus! espero que não."

(Trecho do texto de Antonio P. Vieira escrito após as regras de pontuação.)

Vírgula (,): foram dados quatros emprêgos da vírgula.

1. usa-se para marcar o fôlego.

"...Poucos dias depois, seu Paraíba, como era dono de família e a coisa não estava muito boa, resolveu fazer uma caçada..."

(Trecho do texto de Ademir Pereira)

2. usa-se para separar os substantivos dentro da mesma frase quando estão juntos para não repetir a letra e.

"...Aconteceu com um seringueiro que quando ele tinha dez pelas de borracha o patrão oferecia bolacha, doce, leite, manteiga, dizendo que ele precisava passar bem..."

(Trecho do texto de Agripino Pereira da Silva)

3. Serve para separar as explicações dentro das frase.

"...Há anos passados aconteceu com um seringueiro, por nome de José Romualdo, conhecido por Paraíba, residente no seringal São Pedro, colocação Fortaleza. ."

(Trecho do texto de Ademir Pereira)

4. Usa-se nas datas e endereços.

- Xapuri, 24 de janeiro de 1985.

- Rua 24 de janeiro, nº 35, Bairro Bolívia.

- Colocação Fazendinha, seringal Cachueira, 07 de setembro de 1985.

Junto ao tema de pontuação fomos trabalhando com os monitores o uso de letras maiúsculas e minúscula dentro dos próprios textos.

Observa-se uma troca na ordem dos temas proposto no início do relatório, a caligrafia se torna seguida do tema sobre pontuação.

Fizemos essa modificação por notarmos que estas informações facilitariam os trabalhos de elaboração de textos dos monitores.

Ortografia:

A ortografia foi introduzida a partir de um texto dos monitores.

(História de Seringueiros: anexo-C na próxima página)

Classificamos juntos os erros de ortografia de acordo com a sua gravidade: erros de alfabetização; erros que mudam totalmente o significado da palavra e o sentido da frase, Exemplo: ... o rato tinha roído a bandoleira e ela detonou no baço (braço) dele...; erros que são da linguagem oral e etc.

Trabalhamos algumas regras de uso do ç, ss, e uso de intercalares. Evidentemente isso não resolverá casos como a da D. Maria Lino (texto acima citado).

Adotamos a prática de irmos cobrando dos monitores, o emprego das informações recebidas e cada nova redação de textos.

Gênero e número:

Esse tema mostrou-se sendo de maior problemática para os monitores com exeção de alguns casos comuns de dois gênero e concordância do número do substantivo.

Observamos falta de concordância também dos pronomes com os verbos. Esses três casos foram trabalhados com apostilas de exercícios elaborados anteriormente.

Acentuação:

Foi trabalhada de forma bem simples. Discorremos sobre a função de cada tipo de acento (˜, ´, ^, `), dando as regras para o uso desses acentos em determinadas palavras. Cada regra foi seguida de uma série de Palavras exemplificando cada caso.

Em referência a História do Desemprego
 José ramalho chamado de Paraito sobre
 tempo de brava era dia com o Patrão
 tinha 10 Pedro de boracha e lhe vendeu o
 Paraito frito queceu os olhos e pediu que
 lhe comprasse bolacha e biscoito e leite e
 manteiga que lhe já podia Paraito e lhe
 respondeu não e depois de or dia lhe ia
 caçar e quando lhe pegou na brinçarda
 o rato tinha roído a bandoleira e lhe
 caiu e detou no baco dele e quando
 lhe se achou doente o seu Patrão cortou
 a crosta dele e ficando o resto da família
 dependo de tudo de morrer e quando
 lhe voltou ainda doente o Patrão tentou
 fazer de fazer mais lhe levou
 e tentou a taboquinha ainda doente e assim
 lhe comprou o seu dente de dono de casa

Maria Lina dos Santos

O papel do monitor:

Neste tema pretendíamos discutir com os monitores várias questões da relação professor-aluno e discutir metodologia de avaliação e registro do processo de aprendizagem dos alunos. Digo pretendíamos, porque o tempo mostrou-se insuficiente para ministrarmos todo conteúdo programado e necessário ao curso, ficando esse tema sem ser trabalhado por nós. No entanto, como este era de conhecimento dos monitores, eles acharam que poderia ser discutido por eles e entre eles, ou seja, monitores novos (aqui compreendido como os que não fizeram nenhum treinamento) e antigos (os que já participaram de outros cursos e tem prática de sala de aula). Levantando certamente outros aspectos do papel do monitor (vide texto em "outros temas").

Concluimos desta forma, a primeira fase do curso com a avaliação do ponto de vista dos professores que ministram o curso e do ponto de vista dos monitores que receberam as informações.

Trabalhos realizados nos quinze dias de intervalo (16/08 a 01/09):

Com dupla intenção, exercitar o ato de escrever com a prática de elaboração do pensamento e recuperar o histórico de aprendizagem de todos os monitores, foi pedido a redação de 3 textos neste período: surgimento da escola na comunidade, o que é alfabetização? e o histórico de aprendizagem. Foram esclarecidos os pontos a serem desenvolvidos em cada tema.

Fizemos em equipe o planejamento da segunda fase do curso.

Iniciando a 2ª fase do curso com base na primeira, tínhamos o seguinte cronograma a ser desenvolvido:

- 1º Tema: produção, leitura e correção de textos;
- 2º Tema: discussão sobre as ocorrências dos erros;
- 3º Tema: o que é alfabetizar?, quando uma pessoa está alfabetizada? e que conhecimentos uma pessoa precisa ter para alfabetizar alguém? - discussão;
- 4º Tema: materiais de alfabetização existentes e metodologia - discussão;
- 5º Tema: apresentação da PORONGA (português): objetivos e estrutura do material;
- 6º Tema alfabetização de crianças com a PORONGA - discussão;
- 7º Tema continuidade do curso na área

Dado os desníveis no acompanhamento do curso entre os monitores, dividimos a turma em dois grupos, 1 e 2.

Produção, leitura e correção de textos:

Esse trabalho não tinha outro objetivo senão, a instrumentalização no domínio fluente de redação, leitura e escrita.

Com o grupo 1 (dez monitores), a produção de textos foi incentivo em três aspectos: descritivo, opinativo e narrativo (vide textos em anexo no final deste capítulo).

A leitura foi praticada de duas formas, uma onde o autor lia o seu próprio texto e outra onde havia troca aleatória entre os mesmos. Isso fez-no observar um progresso considerável na experiência dessa prática, da leitura do primeiro texto introduzindo a caligrafia para a situação atual.

Quanto a correção de textos, a princípio tentamos uma prática de correção em grupo, o que não funcionou porque a metodologia para a correção ainda não era clara. A partir daí passamos a fazer a correção de forma coletiva. E isso se deu da seguinte forma: feito a leitura, o texto era escrito no quadro para que todos os monitores participassem da correção (indo ao quadro) passando por todos o conteúdo dado, ou seja, clareza na transmissão da informação, caligrafia, pontuação, ortografia, gênero, número e acentuação. Nesse trabalho de correção, algumas questões foram levantadas. Uma em relação a mudança que uma pessoa pode fazer, corrigindo um texto, no estilo próprio de cada autor escrever e outra, no sentido de que a pontuação, principalmente a vírgula, pode modificar o sentido da mensagem como mostra o exemplo abaixo:

"... O seringal Boa Vista é manobrado por marreteiros, pequena associação, também em algumas comunidades como o Caboré, Pimenteira..."

(Trecho do texto de Jorge Antonio)

A parte grifada diz que marreteiros são pequenas associações. Enquanto que a intenção do autor é dizer que o seringal é manobrado por marreteiro e pequenas associações.

Nota-se nos textos também no caso da vírgula, uma ligeira inflação no seu uso logo após travado o conhecimento com a mesma.

Finalmente, os textos corrigidos eram reescritos pelo autor e pelos outros que ficavam com o registro da história no caderno.

Com o grupo 2, não foi possível realizar esse trabalho no mesmo esquema porque eles não tinham domínio suficiente das informações, daí as correções seriam feitas apenas pelo professor do curso sem muita razão de ser.

Dado ao nível do grupo, já explicado anteriormente, passamos a tra

balhar com os textos já produzidos, detectados erros e discutindo as causas.

Consideramos o trabalho de correção falho em três aspectos: na falta de sistemática para escolha dos textos de forma que pudéssemos corrigir um texto de cada monitor, considerando apenas os textos com um maior número de erros; falta de organização na coleta dos textos reescritos pelos monitores na pós-correção e, não oportunidade aos monitores de fazerem a transcrição dos textos na lousa, uma vez que isso seria uma excelente forma de treinar a caligrafia.

Tapuru, 8 de agosto de 1985.

Seringal Cachoeira.

Em primeiro lugar, eu quero dizer que o seringal Cachoeira é um ótimo seringal. Apesar de ser um seringal muito distante, mas é muito bom e produtivo. Só o que aqui está faltando é uma organização em conjunto para que haja escolas neste lugar. Pois as coisas lá se torna mais difícil por motivo do pessoal deste seringal não sabem ler. É muito grande o número de analfabetos nesta área. Mas agora temos uma esperança que as coisas vão mudar neste seringal. Pelo menos estamos fazendo treinamento para que haja escola neste seringal que é Cachoeira, e com a continuação e força de vontade de cada um, este seringal vai ficar melhor ainda.

Sobre regime de mercado, está sendo muito bom. Desde que os seringueiros tenham sua liberdade de vender o seu produto onde quiser, para ele ficou muito mais favorável. E eu que esta esperança é perdido? O meu Deus! espero que não.

Esta é minha história
subscreevo-a atenciosamente

Antônia P. Vieira

10

Xapuri, 08-18-1985

O Seringal Nova Esperança.

O seringal Nova Esperança é um seringal, que fica na estrada de Xapuri a Brasília, ao lado esquerdo. Esse seringal antigamente era dominado por patrão, e esse patrão era daqueles que explorava os seringueiros, e o seringueiro tinha que vender a borracha para ele.

Agora a coisa mudou, porque esse seringal não tem patrão, os seringueiros vendem suas produções para o marceneiro que quiser muito e compra o marceneiro seja um explorador também, mas não tem poder para obrigar o seringueiro a vender a borracha só para ele.

Agora o seringueiro de Nova Esperança já tem escola, para aprender a ler, escrever, lutar e analisar os problemas de sua comunidade.

Mais apesar de toda organização, ainda existe um problema que preocupa os seringueiros. É o fazendeiro com o desmatamento querendo acabar com suas colheitas, que é a sua riqueza. É o que faz o seringueiro? Se não tem apoio do governo.

Francisco de Assis Martins Oliveira

19 02-08-85. Ademir

A anos passados, aconteceu com um Seringueiro por nome de José Romualdo, mais conhecido por Paraíba. Residente no Seringal São Pedro colocação fortaleza.

Ele havia feito 10 pelotas de borracha e todas ainda estavam no seu ferreiro.

Quando foi em um belo dia sem ele menos esperar, chegou o seu patrão.

O patrão quando viu o montão de borracha, ficou bastante animado, e a cada instante se mostrava mais gentil. E em seguida começou a lhe oferecer algumas mercadorias.

Mais só que o seu Paraíba não quis comprar nada.

2ª

Ademir

Aí o patrão ficou zangado e foi embora.

Poucos dias depois, Seu Paraíba como era dono de família, e a coisa não estava muito boa, ele resolveu fazer uma caçada.

Depois de arrumado pegou a espingarda, mais não percebeu que a saída de um tacho tinha tido a bandoleira da espingarda, que era de couro de veado.

Colocou-a no ombro e quando foi descendo a escada a bandoleira quebrou e a espingarda caiu e disparou e acertou no braço d/ele que quebrou.

Imediatamente trouxeram o Seu Paraíba p/ rua onde ele ficou hospitalizado.

3a

Depois quando já se encontrava bem melhor, o D^s deu alta e ele voltou à sua velha morada.

Mais ele ainda não estava bom. Que ao chegar foi Surpreso.

O patrão vendo ele doente já ~~o~~ havia cortado a nota d/le.

E pediu que ele desculpasse a colocação. Mas isto não aconteceu.

Seu José falou sério e disse que não saia vivo, só se o matassem.

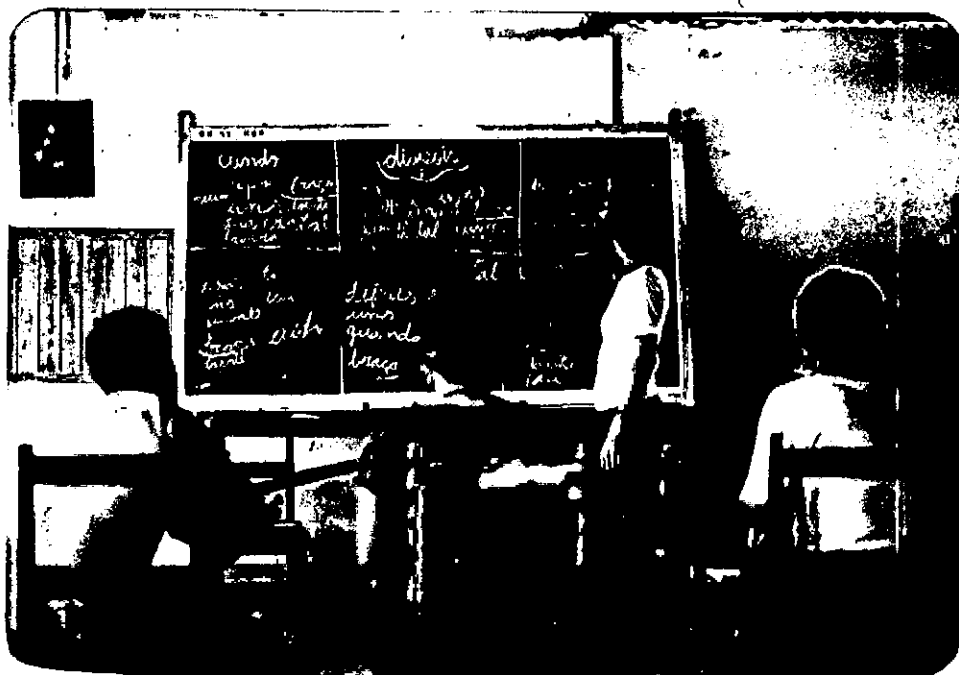
E não saio mesmo.

Ademir Pereira Rodrigues

Discussão sobre as ocorrências dos erros:

Como já dissemos, aqui trabalhamos com os textos produzidos pelos alunos anteriormente, na primeira fase do curso. Com essa turma, grupo 2, insistimos numa prática de leitura, escrita e correção de textos de forma mais modesta de acordo com a capacidade de assimilação do grupo.

A partir da seleção do texto de um autor, criamos esse trabalho com o objetivo de descobrir com os monitores como e porque ocorre determinados erros e quais as formas de corrigi-los. Esse trabalho apresentou uma sequência onde primeiro era feito a leitura do texto pelo autor (o nível da escrita só permitia leitura pelo próprio autor), seguida de uma discussão e interpretação da mensagem provocada pelo professor do curso. No segundo momento dividimos a lousa em quadros para cada monitor, onde de acordo com o seu espaço, cada um iam escrevendo palavras (com erros de ortografia) destacadas do texto e lida corretamente em voz alta pelo professor, tais como as grifadas com um traço no texto de D. Maria Lino (vide texto em anexo no final do capítulo de ortografia).



Já num terceiro momento passamos, professor e monitores, a fazer uma avaliação discursiva sobre o quadro de ditados de cada um deles. A discussão começava pela intenção mental de ler e escrever uma palavra e o produto final, que é a grafia, o registro escrito que não correspondia a intenção desejada. A constatação desse processo era feito através da leitura de palavras exemplificando o ocorrido, como no caso: nese (nesse), fito (feito), os (uns), do-nete (doente), anida (ainda), deposi (depois) e etc. Com essa discussão começamos a classificar os vários erros tentando identificar as causas e formas de evita-los. Chegamos a classificá-los em cinco itens:

1. A não fixação suficiente no pensamento do som dos fonemas que formam as sílabas que por sua vez forma a palavra, exemplo: feito por fito, ainda por anida.
2. Desconhecimento da grafia de determinados sons silábicos como os intercalares, exemplo: cresceu por querceu, comprasse por com-
passe, braço por barço e outros como, quando por cando, os por
uns e etc.
3. Desconhecimento de algumas regras de ortografia, exemplo: os
vários sons do s, do r, do x e do uso do ç.
4. Dificuldades da fala oral habitual para a forma escrita das pa-
lavras. Exemplo: depois por deposi, mais por maisi, dificuldade
por dificuldade, palha por paia, família por famia, mulher por
muié e etc.
5. Dificuldade inerente da própria língua na grafia de certas pa-
lavras como: tal (tau), casamento (cazamento), caça (cassa), xíca-
ra (chícara)...

Para cada um desses itens sugerimos e trabalhamos algumas idéias também com textos escritos pelos monitores mudando apenas de au-
tor.

Continuamos aplicando o ditado, só que desta vez, era dado um tem-
po para que os monitores pensassem nos sons de cada pedaço da pala-
vra, ouvissem esses sons através do próprio pensamento e só então,
escreviam no quadro negro. Houve um esforço considerável dos monito-
res nesse exercício de meditação da palavra a ser escrita e o resul-
tado foi um avanço na eliminação de alguns erros nos ditados. No
desconhecimento da grafia de determinados sons silábicos (item 2),
trabalhamos todas as famílias desconhecidas na lousa descobrindo
palavras que ocupavam os sons de todas as famílias, como no caso
das intercalares. Porém, nos casos em que se aplicava regras de or-
tografia (item 3), estas foram dadas de forma simples e de acordo
com os casos aparecidos para que em caso de dúvida, os monitores
pudessem consultar o caderno. Em relação a esse erros não houve mui-
to progresso na correção uma vez que, assimilação da regra não é
uma coisa automática e imediata, no entanto para correção dos dita-
dos buscamos sempre o emprego da regra. Já nos itens 4 e 5, não vi-
mos outra alternativa que não fosse o contato mais freqüente com a
língua escrita, tanto no ato de ler como no de escrever, para
obtenção de um maior universo vocabular e da grafia correta dessas
palavras. Além disso, tirar dúvidas com dicionários ou com pessoas
mais experientes foram práticas sugeridas e trabalhadas no curso.
Essas dificuldades, evidentemente, não foram colocadas como sendo
única e exclusiva do seringueiro, pelo contrário, foi sempre enfa-

tizado as diversidades dos linguajares regionais e estas, dentro ' do padrão, dita culta que reforça as diferenças sociais. Após lançarmos mão de todos esses recursos, fizemos juntos a correção de dois textos considerando as questões de pontuação. Todas as sugestões trabalhadas ficaram como práticas a serem exercitadas constantemente pelos monitores.

O que é alfabetizar e quando uma pessoa está alfabetizada.

Consta em seguida, transcrição de alguns trechos da fita que gravou essa discussão com todos os monitores, acontecida durante o curso.

Marlete: ...e o que vocês acham que é alfabetizar os outros?

Monitor: É ensinar o nome, as letras, o a -b -c para poder passar para os livros.

É ensinar ler e escrever, e não só ler e escrever e sim, a vida, desenvolver conhecimento, em fim, conhecer. Quando ele entrar na vida ele já foi alfabetizado, já conhece a luta.

É ensinar ler e escrever e aprender a conversar com as outras pessoas.

É ensinar ler e escrever e discutir a nossa vida no dia-a-dia.

É levar conhecimento da leitura e da escrita.

Marlete: Sairam várias coisas sobre o que seja alfabetizar, vamos ver se a gente consegue discutir alguns pontos. Alguém falou que ensinar o nome, as letras, ler, escrever também é alfabetizar. Mas uma pessoa que só sabe assinar o nome, ou só sabe ler e escrever, ou que só sabe discutir pode se considerar alfabetizada?

Monitores: Não.

Marlete: E quando é que a gente pode se considerar uma pessoa alfabetizada?

Monitores: Eu acredito que uma pessoa alfabetizada é aquela que sabe ler, escrever, e tem conhecimento das coisas, se precisa discutir um assunto ela sabe e discute.

É quando uma pessoa sabe ler, escrever, discutir e tem condições de ensinar aquilo que aprendeu.

Uma pessoa tá alfabetizada depois que ela ler e escreve corretamente, e quando ela chega ao conhecimento das letras, dos pedaços que formam as palavras.

Marlete: Vamos ver mais umas colocações sobre o que é uma pessoa alfabetizada. Porque tem o que sabe um pouquinho, tem o que não sabe nada... Agora, essa pessoa que sabe um pouquinho dependendo daquilo que ela sabe, a gente pode considerá-lo alfabetizado.

Monitores: Eu sei um pouquinho, mas tem certos tipos de letras que eu não sei.

Marlete: Quando vocês falam assim: as pessoas para serem alfabetizadas precisam ler, escrever, discutir as coisas da vida e ensinar aquilo que aprendeu. Quando vocês falam ler, como que uma pessoa alfabetizada deve ler?

Monitores: É ler com toda pontuação, ler correto mesmo, sem gaguejar. Ler sem ter embaraço e sem soletrar.

Marlete: E quando vocês falam de escrever, como é que uma pessoa alfabetizada deve escrever?

Monitores: Significa a mesma coisa, porque a pessoa alfabetizada tem que escrever de forma que outras pessoas pegue e leia, porque se ela escreve sem embaraço, com toda a pontuação as pessoas não vão ter dificuldades de ler.

Marlete: É porque as vezes as pessoas escrevem uma coisa que nem elas são capazes de ler, ou escrevem de forma que outras pessoas não conseguem ler e entender o que foi escrito. Do ponto de vista da escrita, essas pessoas podem se considerar alfabetizadas?

Monitores: Não é. Não é porque não fazem diretamente bem.

Marlete: Não conseguem se expressar através da escrita, não conseguem se comunicar.

A gente consegue perceber de tudo isso que vocês estão falando, que alfabetização também é comunicação. Se a pessoa não consegue fazer essa comunicação através da leitura e da escrita, não é alfabetizada.

Acho que é a conclusão que a gente pode tirar ..

E por exemplo, uma pessoa que sabe ler corretamente, sem embaraço, escreve bonitinho, com letra que todo mundo entende, com pontuação bem arrumadinha...mas se essa pessoa não consegue colocar seu pensamento no papel, não consegue passar a idéia através da escrita, essa pessoa pode se considerar alfabetizada?

Monitores: Não. Porque já que a alfabetização tem um sentido da comunicação, se a pessoa não sabe escrever a sua idéia não sabe se comunicar. Então não tá... totalmente alfabetizada.

Marlete: Eu estou colocando tudo isso para a gente ter uma idéia do que é alfabetizar. Porque geralmente a gente parte do princípio que alfabetizar é ensinar todas as letras, ensinar todas as palavras, ler e escrever, e não é só isso... Então na alfabetização tem, ensinar ler e escrever, ler com

toda a pontuação; escrever com letra legível; ensinar a transmitir o pensamento através da escrita, ou seja, deixar as pessoas em condições de se comunicarem, escrever cartas, bilhetes, histórias; ensinar a interpretação da leitura, fazer com que as pessoas sejam capazes de entender e transmitir a mensagem; ensinar as pessoas a serem capazes de discutir um assunto (no sentido de formar o pensamento crítico a respeito da vida e do mundo) como vocês falaram. Não fazendo isso, a gente pode dizer que elas apenas são semi-alfabetizadas como o seu Jofre falou.

. . .

Marlete: Agora me digam uma coisa, que condições (de conhecimento) uma pessoa que vai alfabetizar alguém tem que ter a esse respeito?

Monitores: Precisa de tudo que a gente falou, precisa de ter esses conhecimentos. Mesmo que a gente não tenha muita prática de ensinar os outros, mas tem que ter todo esse conhecimento para não tá ensinando coisa errada. Precisa ter um bom saber, além do outro que ele vai alfabetizar porque se ele não souber, não vai alfabetizar.

Marlete: A gente quando começa esse trabalho das escolas, não temos esse tipo de discussão que nós estamos fazendo com a comunidade... então, a comunidade não tem a menor noção (ampla) do que seja alfabetizar alguém, e o que uma pessoa precisa saber para alfabetizar. Daí ela escolhe uma pessoa que é de bem com a comunidade, tem um discurso bonito e mesmo assim, essas não tem todo esse conhecimento (e tem dificuldade de desenvolver esse papel de ensinar os outros). É por isso que estou fazendo toda essa discussão com vocês, para mostrar e a gente ficar ciente de todas as coisas necessárias e, a partir daí, a gente procurar adquirir esses conhecimentos para poder começar o processo de alfabetização.

Tem outro ponto aqui, acho que foi o Manuel que falou, que a alfabetização é a primeira parte do caminho da vida de alguém que vai começar ler e escrever. E a gente sabe que uma pessoa mal alfabetizada vai ter problemas (dificuldades) para o resto da vida (força de expressão) no processo de aprendizagem.

A gente sabe que é muito difícil hoje para vocês, aprender ler e escrever corretamente uma palavra que aprenderam errada... A primeira aprendizagem para uma pessoa que nunca

leu, nunca escreveu é aquela que vai marcar mais... Por isso a gente deve ter muito cuidado e muito empenho quando começar a alfabetizar as crianças, os adultos... É prá isso que a gente tá aqui aprendendo as coisas.

Eu gostaria de perguntar para vocês, depois de toda essa discussão, que tipo de conhecimento, que necessidades vocês teriam de estudar mais, já que vocês se propõem fazer alfabetização.

Monitores: Aprender mais ler e escrever (no que falta desenvolver) aprender a discutir os assuntos (referência a informações), precisa mais a grafia das palavras, conhecer mais a pontuação, conhecer mais o português e aprender mais o uso das letras... Sobre a questão da matemática precisa aprender mais aquele negócio do empréstimo.

Marlete: ... A gente observou aqui, que vocês têm muita dificuldades de escrever histórias, se expressar através da escrita. É importante que a gente exercite bastante isso daqui pra frente.

Tínhamos como objetivo com essas discussões, começar aprofundar mais a idéia de alfabetização com os monitores saindo um pouco dessa visão simplista da alfabetização como que uma parte menos importante, fácilima' só juntar letras, palavras, ler um pouquinho, escrever mais ou menos - do processo de aprendizagem da língua, portanto, basta ensinar o que sabe e como aprendeu ou ainda, que alfabetizar é uma coisa puramente técnica, onde se estabelece uma relação estática do processo sem se perceber e criar novos mecanismos para se chegar aos objetivos da alfabetização; ampliar a visão de alfabetização e explicitar seus objetivos básicos; reforçar a preocupação e necessidade de fazermos um trabalho mais criterioso e consequente na área educacional e nisso, enfatizar a necessidade e importância da capacitação das pessoas que se propõem fazer alfabetização.

Outras questões de importância foram levantadas e discutidas: a postura do monitor aos alunos na questão do saber, o compromisso e responsabilidade do monitor na transmissão de conhecimentos e critérios para a escolha e preparação dos monitores.

Como trabalho final deste tema, aproveitamos para que os monitores praticassem mais a comunicação através da escrita produzindo um texto sobre o tema discutido, ou seja, alfabetização (vide texto em anexo no final deste capítulo).

Alfabetização

O que é alfabetizar alguém? É ensinar a ler e escrever, como também conhecer todas as pontuações, como: vírgula, acentuação e parágrafo. Tudo isso é importante para que as pessoas aprendam.

Quando uma pessoa pode se considerar alfabetizada? É quando sabe ler e escrever corretamente e sabe tirar o pensamento da cabeça e passar para o papel não errar as coisas que a gente tem na memória quando se considera alfabetizado.

O conhecimento que uma pessoa deve ter para alfabetizar, é ser alfabetizado, porque alfabetizar, porque não adianta ensinar errado.

O monitor deve ter a mais paciência com os alunos e respeitá-los como igualmente os alunos devem respeitar o monitor.

Rizomati felix

Alfabetização

Alfabetizar é se transmitir o conhecimento do alfabeto para as pessoas, como conhecimento das letras e das sílabas e das pedacinhos que formam as palavras, fazer também, com que cada aluno conheça e saiba aplicar a pedagogia.

A pessoa que é considerada alfabetizada, quando ela tem conhecimentos na leitura e na escrita e não temos de ler e escrever parágrafos e etc. Não é qualquer pessoa que pode alfabetizar quando ele totalmente alfabetizado para que não escreva errado.

Os componentes de ensino, calma e cautela com os alunos, desde que eles sejam como maioritário, deve se considera igual e manter as ordens e comportamento, para da exemplo aos alunos, e mostrar que todo é capaz de se aprender, se depende do interesse e comprometimento de cada um. Explicar também, que toda as pessoas são sabidas, só que existe vários tipos de habilidades.

João Antonio

Materiais de alfabetização existentes e metodologias:

Esse tema foi levantado e discutido com os monitores com a perspectiva de falar de alguns materiais utilizados para alfabetização e suas metodologias, mostrando que não existe um único material e uma única metodologia. A nossa preocupação não foi dizermos se esta ou aquela metodologia ou este ou aquele material é melhor ou pior mas sim, através da apresentação do material, discutirmos criticamente cada um deles.

Para este trabalho tínhamos como materiais para discussão a cartilha **Caminho Suave**, a carta de a - b - b e a **PORONGA**. Consideramos esse trabalho como apenas um ensaio, uma vez que, nem os professores do curso nem os monitores tinham um conhecimento maior em relação a cartilha Caminho Suave e não foi pensado a participação de outras pessoas com esse conhecimento. E em relação a carta de a - b - c, apenas a experiência de alguns terem sido alfabetizados com a mesma. Portanto, os parâmetros de comparação e discussão ficaram mais entre a carta de a - b - c e a **PORONGA** sendo esta, a cartilha com a qual os monitores desenvolvem seus trabalhos.

Foi recuperado com os monitores na conversa; o processo de ensino com a carta de a - b - c, onde reforçamos que a metodologia proposta torna mais difícil o aprendizado dos alunos. Algumas pessoas podem nos perguntar porque ainda discutimos a questão da carta de a - b - c, sendo que já está mais superada dentro das inovações metodológicas de alfabetização. Porém não podemos esquecer a realidade com a qual trabalhamos. O que já passou nos centros urbanos é o que se tem no interior, principalmente se tratando de seringueiros que nunca tiveram escolas e quando as tiveram foram marcados por essa única metodologia, que nos lugares mais isolados continua sendo o principal referencial para alfabetização. Em relação a cartilha Caminho Suave fizemos alguns questionamentos do conteúdo, dos desenhos de animais (alguns desconhecidos na região) e estes, dando o formato de letras com algumas partes do corpo. E de alguns modelos de letras manuscritas, sobretudo as maiúsculas. Porém, o lado ilustrativo do material, o colorido, alguns jogos foram vistos como uma coisa positiva para o processo de alfabetização.

Apesar da cartilha **PORONGA** ser o material usual dos monitores, foi criticada como "pobre" na parte ilustrativa, a correspondência de alguns desenhos com a idéia proposta: desenho de onça com a idéia de caça. A palavra caça para os seringueiros está mais relacionada com os animais comestíveis. No entanto o processo de alfabetizar os alunos, partindo do próprio conhecimento oral deles, discutindo o conteúdo da cartilha e ensinando ler e escrever atra-

vés da silabação se formou uma metodologia marcante para estes monitores, o que aponta para o surgimento de uma escola com uma característica mais participativa no processo de ensino e aprendizagem.

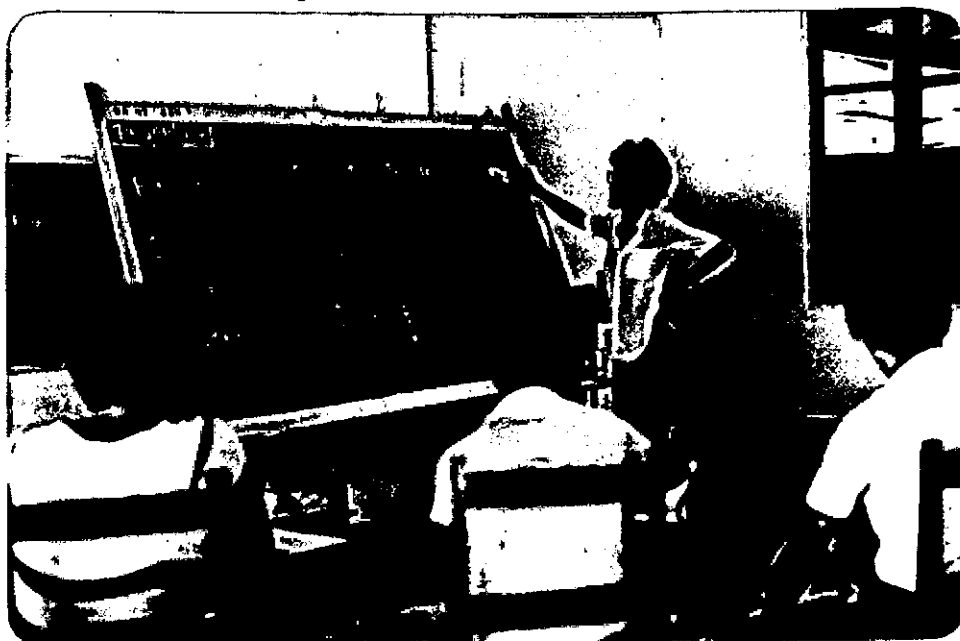
Dispomos de maiores detalhes dessa discussão em fitas gravadas que poderão detalhar melhor todo esse trabalho.

Apresentação da PORONGA de português: objetivo e estrutura do material.

Esse trabalho foi feito basicamente com o grupo 2 (turma nova) que ainda não tinha conhecimento com a cartilha. Apesar de termos uma documentação detalhada através da gravação, pouparemos aqui as transcrições de fitas fazendo apenas um relato mais geral.

Finalizando o trabalho com o tema anteriormente citado, falamos dos vários recursos que cada material utiliza para facilitar a alfabetização. Começamos a apresentação da PORONGA de português falando desses recursos, que são: a valorização do saber e da cultura dos alunos seringueiros como recursos para aprendizagem; a discussão como forma de fixação da palavra a ser estudada e formação de uma visão crítica da realidade; o visual recorrendo a desenhos ou fotografias fazendo uma associação de idéias com palavras; e a silabação para facilitar o domínio da leitura e da escrita.

Discutimos detalhadamente o objetivo para o qual a cartilha foi montada a partir da recuperação deste pelo tema central, e os sistemas que a cartilha propõe para discussão através das palavras geradoras. Fizemos a vinculação das palavras com os sub-temas e o tema central caracterizando aí, o processo de cada palavra nova a ser estudada.



Folheamos página a página toda a cartilha, observando e discutindo a coerência ou não, dos desenhos na transmissão das idéias, as novidades apresentadas em cada palavra nova, e a função de cada exercí

cio.

Posteriormente, os monitores praticaram o trabalho em sala de aula com o material, reforçados pela participação dos monitores do grupo 1 (os que já alfabetizam com o material).

A participação dos monitores antigos nesse trabalho gerou discussões e críticas a respeito da prática assimilada e desenvolvida por cada um deles em sala de aula.

Alfabetização de crianças com a PORONGA:

Sempre estivemos preocupados com as sequências dos temas a serem trabalhados durante todo o curso. Um tema usa quase sempre a introdução de outro. Toda a apresentação da PORONGA de português explicitando a sua utilização voltada para a alfabetização dos adultos e o grande número de monitores que irão alfabetizar sobretudo crianças, levanta o problema de material adequado para ensinar as crianças.

A partir dessa questão começamos um processo de discussão com todos os monitores.

Por não termos um registro sistemático dessa discussão, tentaremos neste relato retratar o mais que pudermos os pontos levantados e discutidos por nós.

Inicialmente tentamos sentir se para os monitores havia alguma diferenciação entre alfabetização de adultos e crianças, principalmente em relação ao material didático, a cartilha. A princípio, alguns monitores antigos (que alfabetizam crianças com a PORONGA) manifestaram apenas um problema ou dificuldade em alfabetizar as crianças com a PORONGA: a parte das aulas que é mais política, mais discussiva, que requer um processo de formação de uma visão crítica da realidade que o método apresenta no processo de alfabetização e que eles sentem dificuldade de fazer até mesmo com os adultos. Porém para os monitores a parte de leitura e escrita é perfeitamente adequada ao ensino também das crianças. Nós também achamos.

Questionamos os monitores no porque de não dar certo as discussões do conteúdo que a cartilha apresenta com as crianças e para eles, apesar da cartilha está contida de coisas da realidade do seringal ela tem uma proposta política que não está ao alcance das crianças. - o sindicato, a cooperativa, o barracão faz parte da vida do seringueiro, mas as crianças não entendem disso e não sabem discutir, por isso, tirando essa parte de discussões dá para alfabetizar as crianças com a PORONGA - são mais ou menos as palavras de um dos monitores.

Constatamos então, que as palavras da cartilha fazem parte da reali-

dade do seringal, da vida dos adultos, mas não representam a vida das crianças nem seu mundo específico dentro dessa realidade, e o que isso podia representar em termos de facilidade ou dificuldade no processo de alfabetização das crianças, uma vez que a sua motivação pela cartilha acabava ficando apenas nas letras, nas sílabas, as palavras e a escrita já que nem os desenhos ou fotografias representam recursos de motivação no aprendizado.

Retomamos a especificidade da cartilha para alfabetização de adultos, o porque de cada tema, de cada palavra, da discussão e a função de cada uma dessas coisas. Em fim, passando por uma discussão de critérios para elaboração de uma cartilha específica para uma realidade de seringueiros, e seringueiros adultos, repensamos tudo isso em relação a um material adequado para alfabetizar os filhos dos seringueiros chegando finalmente a estabelecermos a necessidade de produzirmos uma cartilha para as crianças.

Discutimos alguns aspectos da vida das crianças no seringal, e duas coisas ficou bem caracterizada: trabalho e brincadeira. É aí que se divide o tempo onde trabalham brincando e brincam trabalhando, onde a própria brincadeira é um trabalho onde eles vão se instruindo pra vida adulta, cada sexo espelhando seu semelhante adulto mais próximo. Pouco a pouco os monitores que antes não sabiam o que as crianças faziam no seringal, na verdade não tinham parado para pensar, começavam a recordar as próprias brincadeiras realizadas quando crianças.

Tentamos, então, dar um passo para a questão do material das crianças registrando o trabalho e as brincadeiras das crianças, e levantar palavras, frases e textos que representem a vida das crianças no seringal. A coleta desse material ficou sob a responsabilidade dos monitores como contribuição para elaboração de uma cartilha. Dentro da perspectiva de elaboração de um material adequado às crianças. permaneceu a metodologia de ensino da PORONGA toda por nós todos como boa, recolocando o processo de discussão como forma de garantir a expressão oral dentro da escola, e não ter um processo apenas mecânico de leitura e escrita.

Enquanto isso a alfabetização das crianças continuaria sendo feita com a cartilha PORONGA, com certas observações.

Continuidade do curso na área:

Durante toda a execução dos trabalhos tivemos a preocupação em reforçar junto aos monitores a necessidade de reestudar o conteúdo do curso na área, uma vez que o tempo de um mês não responde pela assimilação de todas as coisas e nem pela aprendizagem da prática de fazer.

Visando essa continuidade, finalizamos a parte de português, com alguns pontos a serem trabalhados pelos monitores, em relação ao curso aplicado, incluindo sugestão geral para o processo de alfabetização e alguns trabalhos práticos em relação a implantação de novas escolas.

Comum para os dois grupos:

1. Praticar a leitura em voz alta considerando os pontos e vírgulas. Sugestões de materiais: livros de histórias, notícias de jornais, livros de cordéis, revistas, etc.

Ler para a família, amigos, para a comunidade e para os alunos

2. Praticar a caligrafia da alfabetização e exercitar a expressão do pensamento através da escrita fazendo histórias, versos, bilhetes ou cartas para parentes e amigos, escrevendo uma história que ouviu alguém contar.
3. Praticar a correção dos próprios textos através das informações recebidas no curso.
4. Reestudar através das anotações as matérias do curso.

Específico da turma nova:

1. Relembra, estudar e praticar o processo das aulas com cada palavra da cartilha
2. Completar os exercícios da cartilha
3. Ao começar a alfabetização, planejar com antecedência cada aula e ver o que o material propõe ensinar em cada uma delas. Sugestões: fazer um pequeno roteiro da aula.
4. Realizar discussões na escola de acordo com os temas de interesse dos alunos respeitando o nível de assimilação dos assuntos

Específico da turma antiga:

1. Aplicar o conteúdo estudado no curso para as turmas de alunos que já terminaram a cartilha e se encontram na fase introdutória a pós-alfabetização.
2. Praticar a correção coletiva dos textos dos alunos em sala de aula.

Sugestão geral:

Registrar em um caderno o processo de alfabetização: as dificuldades dos alunos e dos monitores, os recursos utilizados no processo fora a cartilha, os materiais produzidos pelos alunos e monitores, e etc.

Da implantação de novas escolas:

1. Discutir com a comunidade as condições de conhecimento do monitor para poder alfabetizar e a necessidade de tempo para preparar.
2. Discutir com a comunidade a melhor forma de construir a escola, de maneira que dê as condições necessárias para os alunos (foi avaliado a construção das escolas antigas e feito sugestões para as próximas construções) .

DOIS ASPECTOS DA AVALIAÇÃO FINAL DO CURSO.

Heterogeneidade da turma:

As condições de assimilação e acompanhamento do curso foram as mais variadas possíveis. Podendo serem classificadas em três grupos:

Grupo 1: Dez monitores com condições parciais de atendimento teórico e prático do conteúdo trabalhado.

Grupo 2: Seis monitores em condições de atendimento teórico e prático, sem conseguir a junção dessa teoria com a prática. Exemplo: Entendem as questões de pontuação mas não consegue empregá-las no ato da escrita.

Grupo 3: Quatro monitores sem estabelecer um raciocínio lógico na sequência do conteúdo trabalhado, sem compreensão clara do que está estudando - porque precisa estudar isto ou aquilo? - e dificuldade em adquirir formas de transmissão das informações recebidas.

Resultado do curso para os professores:

O conteúdo do curso respondeu o nível das necessidades de informações dos monitores que já estão na prática de sala de aula e em parte, dos que ainda não exercem o papel de professor.

Para o grupo 2 e 3, conforme quadro acima citado, os resultados foram de certa forma, comuns.

O curso estava acima do nível que eles poderiam acompanhar. Isso pelo fato de ter outras questões fundamentais ao entendimento daqueles que o curso propunha, que não eram de domínio deles, que variam desde questões de alfabetização até a organização daquilo que está aprendendo.

Para ambos os grupos, ficou o pouco domínio de redação que, cremos já estarem evidenciados os motivos.

Essa avaliação esclareceu a divisão de 2 turmas para a 2ª fase, não considerando um terceiro grupo, dado a impossibilidade de fazermos neste curso, um atendimento tão pormenorizado aos monitores uma vez que na segunda fase, apenas uma pessoa daria continuidade à matéria de português.

Precisamente, os critérios para divisão de turmas se deram com a percepção dos monitores do grupo 2 (conforme a divisão das duas turmas), no sentido de não poderem avançar com mais rapidez nos trabalhos e com a avaliação de todos os monitores através dos textos.

Porém para os ministradores do curso e os monitores, o domínio das

informações trabalhadas não fica garantido no curso como fazem crer algumas experiências de formação na estrutura formal, e sim, no processo de retomada da aplicação destas, na prática de ensino a ser desenvolvida pelo monitor e no convívio mais constante com esse novo código, a escrita.

O trabalho de preparar professores seringueiros é minucioso e lento, porém, os que respeitam e se dispõem a garantir seus direitos constitucionais, sem dívidas investirão nesse trabalho, garantindo o domínio desse e de outros códigos que a ciência nos coloca ao alcance, já que como professor eles podem viabilizar as escolas nos seringais.

Matemática:

Para iniciar os trabalhos de primeiras contas procuramos conversar um pouco com os monitores sobre a presença da matemática no seu dia-a-dia. Começamos expondo as constatações que fizemos nos acompanhamentos das escolas, e aos poucos os monitores foram também contribuindo com sugestões e formamos assim uma lista grande de atividades que envolviam a matemática no cotidiano do seringueiro.

- a) no corte da seringa: a contagem das estradas, das madeiras, das tigelas, dos dias de corte, o cálculo do tempo gasto para o corte e a colha, a porcentagem de quilos de borracha por leite colhido.
- b) no trabalho do roçado: a contagem das covas de roça, dos grãos de semente por cova, a medida da área plantada em taréfas de terra.
- c) na construção da moradia: a medida da área da casa, a contagem e a medida do madeirame, a quantidade de palha ou de cavaco para a cobertura.
- d) na criação de animais domésticos: a contagem das cabeças de criação. quando aumenta com a procriação ou se diminue com o ataque dos predadores.
- e) na caça: a quantidade de chumbo por cartucho, a quantidade de caça morta em determinada comida.
- f) relação tempo/distância: o tempo gasto para se chegar na casa do vizinho ou na cidade mais próxima.

Toda esta conversa inicial nos fez ficar convencidos que a grande maioria dos seringueiros - homens e mulheres - aprende a contar e usa a matemática a partir do momento em que começa a trabalhar, ou seja, a partir dos 8 a 10 anos de idade, e isto mostra também que a matemática não é uma coisa só de escola, mas da vida diária. O que os seringueiros não conhecem é o código numérico e as operações e isto sim, é uma coisa que a escola pode dar: aprender a ler e escrever os números e operar com os mesmos.

Após esta conversa montamos um quadro em que cada monitor que já teria trabalhado com primeiras contas, iria colocar até onde teria chegado no ensino da matemática nas escolas e quais foram as maiores dificuldades encontradas.

Montamos o quadro e este nos mostrou que apenas uma escola conse-

guiu passar da soma, mas parou na subtração com recurso, e a maior dificuldade de todos foi para explicar o uso do recurso (vai-um).

Para finalizar esta introdução ao trabalho consultei os monitores sobre como eles gostariam que fosse dada a parte de matemática no treinamento, e eles foram unânimes em solicitar que trabalhássemos desde o início da PORONGA - caderno de matemática, revisando assim a parte que já havia sido trabalhada no pequeno treinamento anterior de matemática.

Levando em conta a heterogenidade da turma e também o nosso desconhecimento a respeito da capacidade de cada um no que diz respeito a matemática, passamos uma série de exercícios de avaliação bem objetivos e rápidos abrangendo a escrita dos números e sua estrutura, o sistema de base 10, a soma, a subtração, a multiplicação e a divisão.

O resultado da análise do resultado deste exercício forneceu o seguinte quadro:

obs: dos 20 participantes do curso, apenas 17 puderam fazer o exercício.

	conhecimento satisfatório do assunto	conhecimento parcial do assunto	desconhecimento do assunto	total
relação quantidade/algarismo	17			17
montagem dos números	16	01		17
sistema decimal	10	03	04	17
soma	13	03	01	17
subtração	10	04	03	17
multiplicação	08	06	03	17
divisão	09	04	04	17

Este quadro mostra que pelo menos a metade da turma desconhece ou tem dificuldade para compreender o sistema decimal, e isto é a principal causa da dificuldade de compreensão.

Um estudo detalhado, aprofundado e criterioso do sistema decimal tem 3 objetivos principais:

a) a própria técnica de formação do símbolo numérico - principalmente dos números grandes - passa inevitavelmente pelo entendimento do sistema decimal.

b) a dificuldade de entender o uso do recurso (vai-um) só poderá ser sanada na medida em que os educandos entenderem a formação do número em unidade, dezena, centena..

c) a questão da honestidade do ato de ensinar estaria furada se ensinassémos o "vai um" sem dizer o porque do vai-um.

Levando em consideração as dificuldades dos monitores, as conclusões chegadas através do resultado dos exercícios e os objetivos expostos acima, procuramos dar total atenção ao estudo do sistema de numeração na base 10 neste treinamento.

Introduzimos os assuntos seguindo estritamente a linha proposta pela PORONGA - caderno de matemática, com auxílio eventual de exercícios de fixação e do "jogo dos amarrados" (vide esclarecimentos no final em anexo), que foi feito com palitos de sorvete.

Desenvolvimento das aulas:

Discutimos de início a forma que os monitores deveriam passar a escrita do número e as relações: quantidade/algarismo e ordem do algarismo/valor. Quanto a escrita do número foram feitos exercícios de caligrafia, nos quais a intenção era tanto de tornar o número em boa ordem na montagem das contas. A relação quantidade/algarismo se mistura com o primeiro assunto, mas enfatizamos no entanto que nunca deveria ensinar os algarismos sem mostrar concretamente a quantidade que o mesmo representa. O mesmo aconteceu com o estudo da relação ordem do algarismo/valor, sendo que nesta parte alguns tiveram pequenos problemas para entender a forma de apresentação dos exercícios da cartilha - pag. 10, 11, 12, 13, 15 e 16. apesar de dominar perfeitamente o conteúdo.

A partir da página 17 da cartilha começamos explorar a questão da unidade e dezena. Para introduzir esta noção procuramos explicar como se forma o número, provando com exemplos que a base de nossa numeração é a dezena, mostrando que de dez em dez a escrita do número se modifica. Aproveitando para introduzir aí o "jogo dos amarrados", que daí para a frente vai acompanhar todo o trabalho até o final do curso, e a proposta é que se use até o final do aprendizado das 4 operações nas escolas. Todos os exercícios feitos na cartilha ou fora dela que apresentavam alguma dúvida era feito no concreto, individualmente ou para o grupo, com os palitos de sorvete agrupados de dez em dez ou soltos caso não formasse dezenas.

Nesta fase do trabalho começamos a notar o aparecimento de um desnível no grupo, onde aqueles que já haviam estudado na cidade ou que já eram monitores antigos começaram a avançar com mais rapidez, e os outros mais lentamente. Várias vezes tivemos mais da metade dos

monitores parados aguardando os retardatários. Mesmo assim todos terminaram a primeira parte da cartilha entendendo bem a estruturação do número em unidade, dezena, centena, até o milhar, e também sabendo usar o "jogo dos amarrados" no momento de ensinar o sistema decimal.

Quando chegamos ao final da primeira parte da cartilha já estavam para terminar os primeiros 15 dias de curso, com isso só tivemos tempo para estudar a soma simples e com recurso.

Durante o estudo da soma ficou bem evidente o desnível entre os dois grupos de monitores, mas mesmo assim todos chegaram ao final do assunto com aproveitamento satisfatório dos conteúdos trabalhados. Alguns saíram precisando de um pequeno reforço no sentido de fixar mais o uso do recurso.

Ao final desta primeira fase os monitores juntamente com a equipe do P.S. fizemos uma avaliação de todo o conteúdo trabalhado. As colocações dos monitores durante esta avaliação foram sempre no sentido de pedir que se fizesse uma separação de turmas durante o segundo período do curso para que os novos pudessem trabalhar com mais calma e os antigos tivessem chance de aprofundar mais as questões de português como de matemática. Com relação ao caso mais específico da matemática, os monitores observaram que avançaram muito na maneira de ensinar, ou seja, houve um grande avanço na parte didática. Pediram também que na segunda fase se procurasse manter esta metodologia de trabalho que tem a preocupação dupla de trazer coisas novas e também discutir maneiras novas de ensinar.

Iniciamos após 15 dias de descanso a 2ª fase do treinamento. Procuramos atender a reivindicação dos monitores, dividindo o grupo em duas turmas: Chamarei de turma "A" a turma dos novos, daqueles que apesar de já terem estudado ainda sentiam alguma dúvida sobre o processo de alfabetização, e por isso acompanhavam mais lentamente o trabalho. Chamarei de turma "B" a turma dos antigos, daquele pessoal que já fez os outros treinamentos ou que se destacaram como alunos conseguindo assimilar facilmente o método e agora são monitores, enfim todos aqueles que já dominam bem a técnica de leitura e escrita e primeiras contas.

Turma "A": Com esta turma dos novos procuramos neste segundo período reforçar o estudo e o entendimento da noção de unidades, dezenas e centenas principalmente na prática com a aplicação do "jogo dos amarrados" para daí partir para o uso desta noção nas operações de adição simples e com recurso; na subtração simples e com recurso. Procuramos fazer bastante exercícios de fixação através do "jogo dos amarrados". Não avançamos além da parte 3 da PO-

RONGA (quanto falta - subtração), para que tivéssemos bastante tempo para fixar estas duas operações básicas - soma e subtração - e também para não cansar o raciocínio deste pessoal que tão pouco contacta com esta diferente maneira de trabalhar o saber. Procuramos também fazer com que eles se sentissem a vontade para exprimir suas dificuldades e suas impressões sobre a maneira que estamos trabalhando.

É nesta turma "A" que se encontravam a maioria daqueles que apareceram no quadro de análise do exercício com desconhecimento ou conhecimento parcial dos assuntos que seriam tratados no curso de matemática. Não tenho nenhum registro que prove, mas poderia garantir que não há mais casos de monitores que desconheçam o sistema de numeração na base 10, a soma e a subtração.

Turma "B": Com esta turma o trabalho se desenvolveu de maneira mais rápida e mais profunda, não só pela sua prática mas também porque já perderam a timidez e se soltam com mais facilidade, propiciando atividades menos tensas.

Trabalhamos a subtração simples e com recurso, sem maiores dificuldades, sempre usando o "jogo dos amarrados".

Começamos em seguida a multiplicação. Discutimos o conceito de multiplicação com uma soma de iguais. Esta discussão foi também acompanhada de demonstração concreta com o uso do material didático, e o seu objetivo foi fazer com que a tabuada não fique somente no automático, mas também no consciente.

Os monitores tiveram alguma dificuldade para entender a utilidade dos quadros da pag. 83 da cartilha (combinar saias e blusas e completar multiplicando). A nossa proposta é que se inverta a ordem das coisas na cartilha, colocando primeiro a tabuada e logo após o quadro - completar multiplicando - como exercício de fixação para a tabuada.

Colocamos para os monitores que desta parte para frente a tabuada será muito usada, tanto na multiplicação como na divisão e que por isso devemos exercitar bastante para que não crie problemas de compreensão principalmente na divisão.

Ainda dentro da multiplicação nos detivemos algum tempo nas multiplicações por números que ultrapassam a unidade (pag. 95 da cartilha) isto porque alguns não sabiam o porque de se deslocar uma casa quando se multiplica por números que ultrapassem a unidade.

Passamos finalmente para a divisão e devido ao excesso de informações que já haviam recebidos nesta altura do curso, não foi possível avançar muito além da noção da operação e de contas simples de divisão, ficando assim para uma próxima etapa o aprofundamento da

operação de divisão.

Conclusão:

O ensino da matemática ainda não atingiu seu objetivo social, e a próxima etapa deverá englobar o uso da matemática na libertação do seringueiro enquanto posseiro e dono de sua produção. Devemos partir para o uso da matemática no equacionamento do projeto de vida do seringueiro dentro do seringal e dono legítimo de suas estradas de seringa. Devemos pensar na aplicação da matemática para planejar melhor as condições de produção de alimentos em culturas alternativas na criação de uma tecnologia branda e adaptada ao seringal. Enfim as ciências exatas a serviço da fixação do seringueiro a terra.

Sobre o material didático: Além de incentivar o uso do "jogo dos amarrados" devemos pensar urgentemente em um material auxiliar com exercícios de fixação para cada assunto do caderno de matemática. Este material deverá conter exercícios e problemas criados pela equipe do P.S. misturados com exercícios e problemas criados pelos monitores.

Este material virá atender ao pedido dos monitores que acham que a PORONGA não oferece o suficiente. Os monitores acreditam que necessitam de mais algum tempo de prática para inventar exercícios sem a ajuda de material auxiliar.

Sobre o Currículo de matemática: Hoje as escolas tem uma função diferente daquela que teria da sua criação, e atualmente se pensa em criar uma escola no sentido mais amplo e não mais uma escola-cooperativa como no projeto inicial.

Devemos urgentemente estabelecer um limite e um conteúdo que contemple a preparação do aluno para encarar a rede oficial, isto sem excluir o aprendizado do manuseio da conta-corrente ou qualquer outra prática da vida do seringueiro.

Esclarecimento sobre o "jogo dos amarrados":

É um material didático auxiliar para passar e praticar a noção da técnica de formação dos números, e para se mostrar no concreto o porque do "vai um".

O material deve ser sempre algum objeto que se possa ou amarrar, empilhar ou ensacar.

Procuramos introduzir este jogo quando estamos estudando o sistema de numeração para que se tenha um melhor entendimento da escrita do número.

Usamos o objeto que compõe o material (palito de sorvete, tampa de garrafa, bolacha de chopp, castanha, milho, feijão, etc.) para expressar números de acordo com a base 10, e para fazer principalmente as operações de soma e subtração manuseando com estes objetos.

Estabelecemos as seguintes regras para usar este jogo:

- 1- As peças soltas (unidades) devem ficar separadas e na casa das unidades.
- 2- Sempre que se formar dez unidades devemos uni-las e passar para a casa das dezenas. O mesmo procedimento deverá ser usado para dez dezenas ou dez centenas etc.

Exemplo:

Representação de números

-número 25 = 2 amarrados e cinco soltos ou 2 dezenas e 5 unidades.

-número 40 = 4 amarrados e nenhum solto ou 4 dezenas.

(as centenas chamaremos de monte)

-número 139 = 1 monte, 3 amarrados e 9 soltos ou 1 centena, 3 dezenas e 9 unidades.

Na soma sempre aparece casos de formação de dezenas ao somarmos as unidades e casos de formação de centenas ao somarmos as dezenas.

Neste momento aproveitamos para mostrar o "vai um" concretamente.

Na subtração sempre vai aparecer casos de se "emprestar um", nestes casos ao invés de formar amarrados estaremos desfazendo amarrados.

Na multiplicação poderemos demonstrar a soma de iguais com o material e fazer no concreto a tabuada.

Na divisão poderemos dividir os números em partes iguais e mostrar concretamente as sobras.

Tomamos conhecimento dessa técnica do jogo dos amarrados, em um treinamento de monitores realizado em Tefé-Amazonas pela equipe de educação do CEDI-São Paulo.

GEOGRAFIA:

Desde que a equipe do projeto começou a intensificar o acompanhamento às escolas, que os monitores de um modo geral vem pedindo que se diversifique mais os assuntos escolhidos para os treinamentos. E os próprios monitores sugeriram coisas que sempre aparecem nas escolas tradicionais e que ainda não haviam aparecido nos treinamentos, como: Histórias do Brasil, mapas geográficos, e outras coisas que pudessem igualar o seu conhecimento com o conhecimento do pessoal da rua (cidade) que frequenta escola.

Percebemos também nas conversas com os monitores que o seu ponto de vista sobre alguns assuntos levam em consideração referências que deturpam seu conhecimento a respeito da realidade.

Gostaria de citar um exemplo de uma colocação feita por um dos monitores quando conversávamos sobre as dificuldades enfrentadas pelo Brasil no que diz respeito aos problemas de terra, fome, miséria. Sobre isto observou o monitor: - Uma pena que o Brasil é um país pequeno, se fosse grande como a Inglaterra ou a Itália, talvez teria mais condições.

Sobre esta visão do monitor podemos analisar o seguinte: se temos como referência o poder aquisitivo e a situação econômica de um povo, é claro que a Inglaterra e a Itália são maiores que o Brasil, mas a partir do momento em que passamos a ter uma noção do território mudamos a nossa visão espacial e quem sabe até política.

Esta noção dos seringueiros se explica porque todo italiano ou inglês que eles porventura conheceram são sempre mais ricos que os brasileiros, e para ele - seringueiro - o homem rico é sempre aquele que tem muita terra cultivada, e para um país ser rico é preciso muitos pedaços de terras bem cultivadas, portanto a Inglaterra e a Itália são países grandes e ricos porque tem muitas terras, muitas fazendas, muitas plantações etc...

Baseado neste tipo de visão e levando em consideração que não havia neste treinamento espaço para se aprofundar em questões mais amplas da geografia, decidimos fazer com eles um pequeno curso de reconhecimento da sua colocação dentro do município, depois o município dentro do estado, e finalmente o estado dentro do país.

Para dar noção de espaço territorial, seguimos o seguinte roteiro:

A) Cada monitor traçou o caminho que deveria percorrer para sair de Xapuri - onde estávamos naquele momento - e chegar a sua colocação. Procurando colocar os acidentes geográficos (rios e igarapés), as estradas, os varadouros, o nascente e o poente. (vide mapas em anexo no final do relatório da matéria).



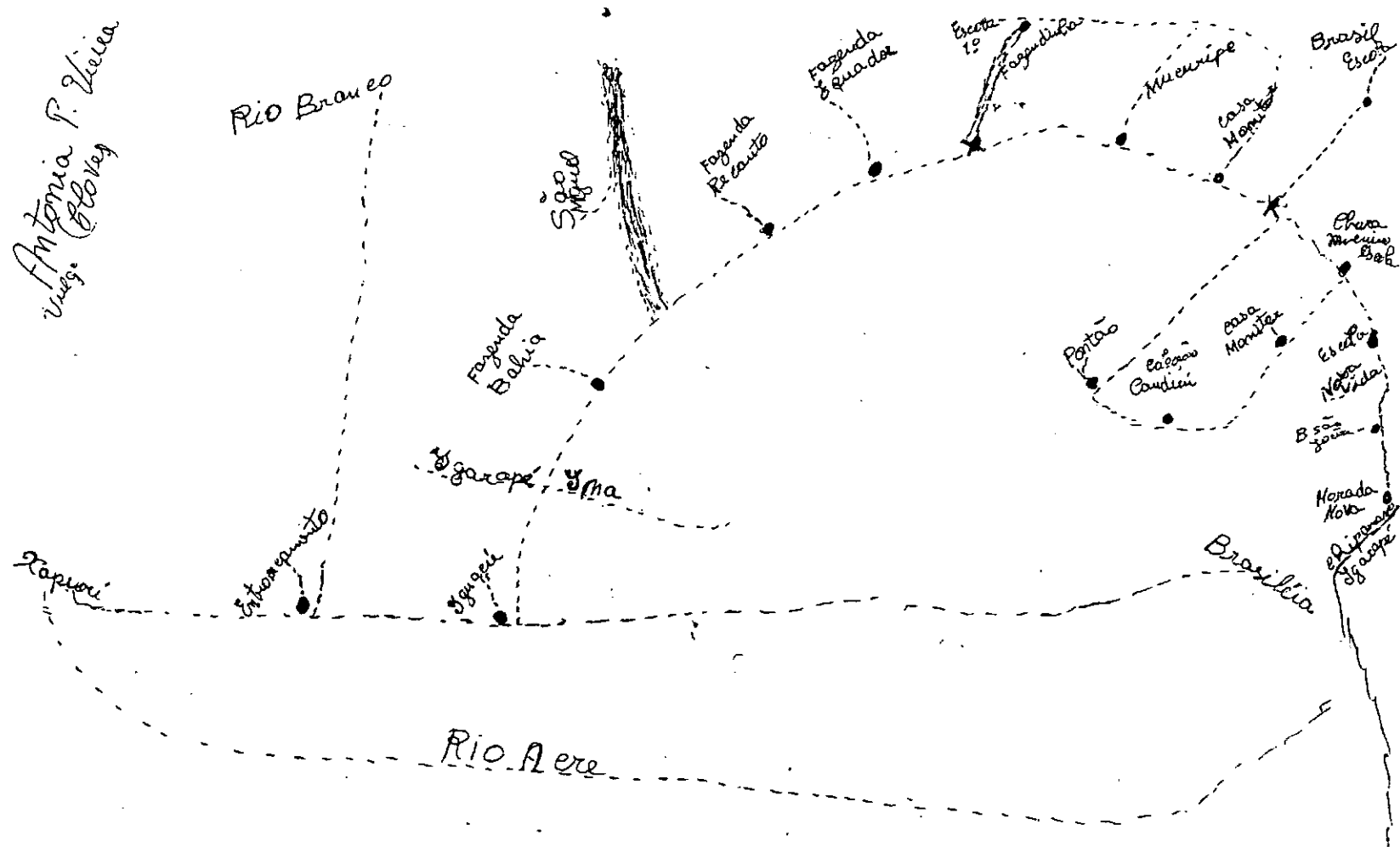
B) Depois pegamos um mapa do município feito pelo IBGE para tentar localizar cada mapa feito pelos monitores dentro do mapa do município. Nesta fase do trabalho se deu um dos momentos mais importantes de toda a discussão em torno do estudo da geografia, quando constatamos que o mapa feito pelo IBGE estava todo errado e os monitores chegaram a conclusão que um técnico que venha de fora sem o menor conhecimento da realidade não tem condições de mapear a região se ele não ouvir os moradores da área para conferir seus cálculos. Isto prova que os seringueiros tem saber e podem tecer críticas sobre um trabalho técnico, usando o conhecimento profundo sobre a sua realidade.

Mesmo assim, passamos a frente e fizemos uma localização sobre o mapa do município sem exatidão.

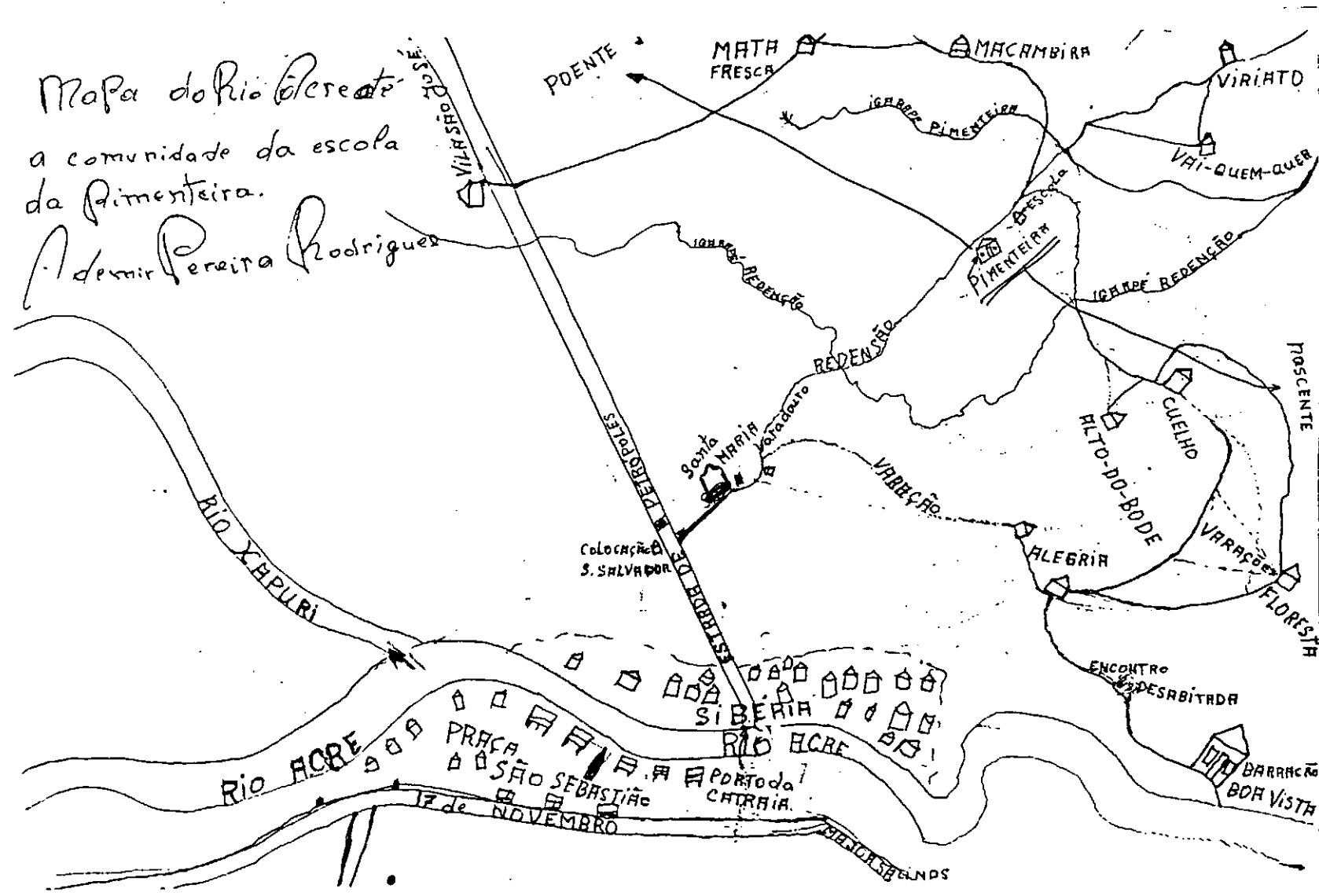
C) A próxima etapa foi localizar o município dentro do estado. Para se ter uma noção do tamanho da área do Estado usamos como referência a distância Xapuri - Rio Branco, distância esta conhecida pelos monitores, transformamos esta distância em horas de caminhada, e medimos a linha imaginária que divide o Acre do Amazonas, para que eles tivessem uma noção do tamanho do Estado.

D) Dai para frente passamos a uma atividade mais solta, sem preocupação de informações precisas e exatas sobre o assunto tratado. Mostramos o mapa do Acre dentro do mapa do Brasil, e o Brasil no mundo e deixamos que eles observassem e perguntassem coisas de acordo com o interesse pessoal de cada um.

Como parte do programa de português e a pedido dos professores da matéria, solicitamos alguns textos dos monitores sobre o conteúdo estudado em geografia, com a finalidade de dar mais oportunidade para monitores aplicarem o conteúdo trabalhado em português (vide textos anexo no final do relatório da matéria).



Mapa do Rio Vereate
a comunidade da escola
da Pimenteira.
Ademir Pereira Rodrigues



história de ~~ge~~ geografia:

Olha eu achei muito interessante os mapas de todas as comunidades e me deu mais vontade de estudar porque se eu pegar o mapa de qualquer uma das comunidades, sou capaz de acertar chegar em qualquer uma delas.

É gostei muito da aula de geografia.

Também a minha compreensão do mapa do Brasil, foi pouco mais eu entendi algumas coisas. Aonde é que ficam alguns municípios como Xapuri, Brasília, Rio Branco que é uma capital, ela é a capital do Acre. Também os tamanhos. Deu pra mim ficar bem entendido e também um pouco do movimento da terra porque agora ficou sabendo que a terra é um círculo redondo, ela é uma bola que fica a toda a volta da água e é um planeta que gira ao redor do Sol e é quem faz todo o movimento do mundo.

Sabemos também que o Acre limita com o Peru e Bolívia.

Sabemos também que o estado de Mato Grosso é um estado muito alagado, tem muitas baixas, tem muitos rios grandes, enormes, é muito diferente do nosso estado que é o estado do Acre.

Alcino Monteiro de Oliveira.

Texto sobre geografia:

No curso que tivemos, aprendi muitas coisas. Em especial na parte de geografia, desde do começo do mundo até agora, he visto como o mundo se evoluiu através do homem e da natureza, se criou a humanidade da maneira de rios e de trabalhos. O homem conseguiu a descobrir muitas coisas, como, domesticar os animais, fabricar instrumentos de trabalho, etc.

Possou também a descobrir novas terras e também os pontos científicos. E com isso descobriram que o mundo tem a forma de uma bola e que se divide em varias partes, e numa destas partes esta o Brasil, que fica na America latina, junto com outros pais, como Peru, Mezocla, Bolivia, Paraguai e etc. Isto tudo esta escrito em mapa, e é através do mapa, que se conhece o mundo pais, estados, ou áreas de terras.

Esses foram uma parte dos pontos que fiquei conhecido, sobre geografia.

Pedro Felix de Carvalho

Texto de Geografia.

A geografia nos mostra uma belíssima história. Uma das partes mais importantes que eu acho, é quando vemos a história bem certinha falando sobre os movimentos da terra que é, o movimento de rotação e o movimento de translação.

Nestes dois movimentos, nós vemos a maneira de como a terra gira em torno do Sol e a maneira em que ficamos na terra. É importante.

Todos nós sabemos que tudo isto que vemos nesta maravilhosa história, são reais, mas se confirmamos essa história para quem não conhece, arrisca ser totalmente inacreditável.

Outro fato importante, é aquele do mapa do Mundo, ou seja o Globo Terrestre.

No mapa do Mundo, nós chegamos a entender e ao mesmo tempo conhecer e ver onde fica o nosso estado que é o Acre. Dentro do estado do Acre, nós tivemos a oportunidade de conhecer o nosso município que é a princesinha do Acre, o conhecido "XAPURI".

Outra coisa que me deixou muito maravilhado, foi a oportunidade e a possibilidade de escrevermos um mapa de a partir da cidade, até a nossa comunidade onde residimos e com todos os detalhes.

É por fim, até o presente, a matéria de geografia está ótima. obrigado.

Ademir Pereira Rodrigues.

Xapuri 16-09-1985.

HISTÓRIA:

Como definimos o conteúdo a ser dado em história.

Como os monitores não definiram, nem deram preferência por nenhum fato particular da história da humanidade ou mesmo algum episódio conhecido da História do Brasil ou do Acre, e como a prática de dar aulas nas escolas do projeto partem de uma visão crítica da realidade que os cercam sem minimizá-la nem fantasiá-la e, como alguns deles, uma fração mínima, já passara pela escola formal, que estimula e difunde a história de forma fantasiosa e acrítica e, por outro lado, os demais monitores terem uma visão teocêntrica de história, resolvemos então, como forma de fazê-los abstrair, novos conhecimentos, dá-lhes uma visão da história por um prisma econômico, fazendo-lhes ver como esse fator é **preponderante** para que a história da humanidade fosse e seja como é. Queríamos mostrar-lhes, também, que a ação consciente do homem é **preponderante** para reverter e dar rumo a história em contra posição a visão teocêntrica, segundo a qual Deus predestinou os rumos dos acontecimentos e que conflitos existentes dão-se devido a dicotomia bem-mal, simbolizados por Deus e o Diabo.

Os temas trabalhados.

Tivemos acesso a um manual que fora elaborado por um grupo de pastoral da igreja católica que oferecia aquela visão de história, ou seja, a visão materialista, segundo a qual os fenômenos históricos são movidos por interesses econômicos e que esses só poderão ser contrapostos pela ação consciente e organizada dos homens. Esse manual, porém, tinha um inconveniente: ele fora elaborado para ser trabalhado de maneira oral e nós precisávamos de um material que exercitasse a abstração e interpretações escritas dessas abstrações, pois isso fora o pré-estabelecido, dar história para subsidiar e avaliar o aprendizado de português.

Resolvemos o problema aproveitando o esquema do manual, mas usando uma linguagem adequada e aproveitando o temário em forma de apostilas, com um apêndice sobre a história do Acre.

Foram feitas as seguintes apostilas com os seguintes temários:

1º - Rápida história do homem

1º - Rápida história do homem

Essa apostila tinha uma introdução que mostrava a história como uma ciência que ajuda o homem a se conhecer melhor e, uma introdução rápida sobre a forma de sociedade que predominara na fase conhecida como primitiva da humanidade.

2ª- A sociedade feudal.

Nessa mostramos a transformação operada com relação ao modo de vida predominante na fase anterior e a evolução ocorrida nos modos de produção, mostrando também, que apesar da evolução no modo de produção, persistia uma brutal opressão contra os servos, que eram os explorados que caracterizavam aquela fase da humanidade.

3ª- A sociedade capitalista.

Aqui refletimos o avanço espantoso e a modernização ocorrida com a implantação dessa nova forma de desenvolvimento econômico, refletindo não obstante esse desenvolvimento, persistia e até aumentava, um grande exército de explorados, à medida que uma minoria ficava cada vez mais pobre.

4ª-Rápida história do Acre.

Nessa mostrávamos a história de nosso Estado pelo mesmo prisma, enfatizando que a demanda da "hévea" para o mercado automobilístico emergente no final do século passado, fora preponderante para a ocupação dessa parte da amazônia e sua consequente anexação ao Estado brasileiro em detrimento da Bolívia seu "legítimo dono". Fizemos ver as evoluções ocorridas, como o aumento da demanda da hévea durante a guerra e seu declínio a partir da década de 70 quando o governo passou a incentivar a ocupação de nosso Estado por parte de grupos econômicos do Centro-Sul com interesse em desenvolver, aqui, a pecuária.

A forma que trabalhamos os temas.

Antes de entregar essas apostilas, fizemos uma exposição de seu conteúdo, entrando em pormenores que não estavam ali abordados. Essa exposição era bastante participativa de forma que ela se tornava logo um debate aberto onde todos participaram efetivamente.

No primeiro dia que trabalhamos história, pedimos, antes de qualquer debate ou de apresentar as apostilas, que os monitores escrevessem seus pontos de vista a cerca do que fosse história, isso sugerimos para ver as várias concepções a cerca do tema, todavia os resultados nós pudemos separar em dois grupos: um que foi expresso por monitores que passaram pela escola formal e ver história como uma disciplina narrativa de fatos e datas, sem um nexó crítico e, outro que foi dos monitores não escolarizados e que entendem a história como sendo uma atividade oral de lazer e entreterimento.

Vejamos abaixo a trascrição de dois exemplos.

A opinião de um monitor que passou pela escola:

"A história que eu sei é que o Brasil foi descoberto no ano de 1500. O primeiro presidente da República foi o Marechal Deodoro da Fonseca.

Outra coisa que eu sei com relação a história é que a libertação dos escravos ocorreu no dia 13 de maio de 1888.

A história também significa os que está escrito nos livros e folhetos e outros como o Brasil se tornou independente, quando começou a república, como D. Pedro II perdeu o imperialismo, como a princesa Isabel libertou os negros, todos esses fatos são história" (Rosevarque).

Opinião de uma monitora que não passou pela escola:

"A história que eu acho que seja, é assim: Uma vez um menino que gostava de viajar com a avó dele querida, foi um certo dia quis ir na casa de sua madrinha e, como sua vó não estava em casa ele foi sozinho.

No meio da viagem, tinha uma onça na beira do caminho, o menino tentou em passar perto mas, quando ele foi passando ela pulou em cima dele e o rasgou todo" (Risonete).

Todas as redações foram feitas de forma muito resumida e continham muitos erros de português, tais como, erros de grafia, de concordância, de pontuação, etc, mas mesmo assim a intenção era reforçar mesmo o português, corrigimo-as todas de forma que toda classe opinasse sobre o que deveria ser consertado.

Nos trabalhos seguinte fizemos as exposições, não de forma unilateral, tipo dar palestra para uma platéia ouvinte, mas expondo as idéias de forma a suscitar um debate com o máximo de participação. Por essa participação percebemos que eles estavam abstraindo bem as idéias expostas, todavia, quando tinham que transmitir as idéias de forma escrita continuavam a fazê-las de forma muito reduzidas e com muitos erros. Examinando as redações produzidas e tendo presente os debates sobre os assuntos tratados, deduzimos que o problema é que o pessoal vive num mundo cuja oralidade é o único meio de comunicação.

Dadas essas dificuldades, do pessoal não conseguir exprimir bem de maneira escrita o aprendizado que estavam tendo, passamos a trabalhar nas correções de suas redações e, a última apostila, a de história do Acre, trabalhamos só oralmente sem exigir sua interpretação escrita, isso porque como esse era uma das reivindicações que mais escutamos deles durante nossas visitas, era preciso deixá-los bem à vontade para abstrair o máximo que conseguissem sem ter, segundo as palavras deles, "aporrinhações com escrever".

Conclusão:

Na avaliação, o pessoal colocou que realmente tiveram dificuldades para escrever as interpretações embora tivessem entendido os conteúdos dos dados..

Disseram ter preferido o último dia quando não fora-lhes exigido que escrevessem.

De tudo isso fica a certeza que é preciso instrumentalizar cada vez mais esses monitores com treinamentos mais freqüentes e devemos ter em conta esse fato da oralidade, para encontrarmos maneiras de aproveitá-la no aprendizado da escrita que é sem dúvida o que existe de mais falho nos monitores.

História do homem

É para que isso vai nos servir?

A vida dos homens do passado tem muito a ver com a nossa e por isso nos ajuda a compreender as coisas, muitas vezes estranhas, que acontecem hoje.

Ao longo do tempo, o homem já construiu diversas formas de sociedades.

A história nos mostra que a partir de um determinado momento, muito antigamente, os homens deixaram de ser iguais, pois uns trabalhavam e outros só se aproveitavam deste trabalho.

A sociedade passou então a ser dividida entre explorados e exploradores.

Naquela época o clima, os animais e a própria vegetação

eram bastantes hostis os homens. mais foi exatamente por causa dessa fragilidade do homem frente a natureza que o tornou forte, capaz de criar e aperfeiçoar os seus instrumentos para determinar, dominar a natureza e melhorar a sua condição de vida.

Com o passar do tempo os homens foram cada vez mais aperfeiçoando seus instrumentos. Dominaram o fogo e aprenderam a plantar e domesticar os animais. Deixaram de ser nômades e tornaram-se sedentários.

Alcino

10-09-1985.

Texto de interpretação de

A sociedade escravista.

A sociedade escravista, foi uma sociedade que era totalmente diferente de as primeiras sociedades. Porque? Nós vemos que por uma parte, chega à uma aparência da nossa vida de hoje. A sociedade de hoje, tem a aparência pela a seguinte forma. Na nossa sociedade, que é, a cooperativa, o Sindicato e nossas comunidades que sempre vem trabalhar de em conjunto, mas nos também temos os nossos adversários que são os nossos exploradores.

Uma coisa que eu entendo muito bem, foi no caso em que os escravos, eram tratados com muito desprezo e nós não eram reconhecidos com seres humanos. O que ganhavam, era somente uma péssima roupinha e uma má alimentação. Ai sim, sabemos que existe muita diferença. Quem é que hoje aceita esse tipo de exploração? Absolutamente ninguém. Quem é que quer trabalhar para nutrir os seus exploradores? Ninguém.

O que nós queremos, é a paz e liberdade, para que possamos sobreviver tranquilamente na face da terra. Chega de tanta exploração.

Ademir Pereira Rodrigues

III. OUTROS TEMAS.

Definição do ano letivo:

Nas escolas do Projeto Seringueiro, sempre procuramos tomar decisões em conjunto - equipe/monitores/comunidade - dentro deste princípio, como tema proposto no curso, tivemos momento de discussão com os monitores com o objetivo de concluir a definição do ano letivo das escolas.

As escolas, propositalmente, ainda não tinham um tempo definido de funcionamento, mas fomos observando durante o processo, que em alguns períodos do ano elas se esvaziavam, começamos a buscar os motivos reais deste esvaziamento, que se mostraram comum em todas as escolas: inverno (chuvas), coleta de castanha e colheita de arroz.

Muitas vezes fomos ao seringal para acompanhar o processo de alfabetização dos alunos e as escolas não estavam funcionando por motivos que não ficavam claros, isto é, já que não havia um tempo definido de funcionamento o monitor em algumas ocasiões parava as aulas por motivos particulares.

Outros pontos que nos levaram a constatar essa necessidade foram os seguintes: definir as datas de reciclagem dos monitores sem prejudicar o funcionamento das escolas; controlar a entrada de novos alunos para podermos concluir o processo de alfabetização de cada turma, sem essa definição a cada dia o monitor recebia alunos novos, prejudicando desta forma sua atuação dentro da sala de aula.

Com esses dados em mãos, deixamos a critério dos monitores junto com a comunidade, discutirem o ano letivo e trazerem propostas para o treinamento, onde seria decidido conjuntamente com os outros monitores e equipe do projeto um período comum de funcionamento e férias que levasse em consideração as particularidades de cada comunidade.

Trechos da reunião entre monitores e equipe do projeto:

"Até hoje as escolas funcionaram direto, o ano todo, a gente nunca instituiu um período que as escolas parariam de funcionar, nunca instituímos férias. Só que tem um tempo que coincide mais ou menos em todas as escolas, que há um esvaziamento, que os alunos deixam de ir, as vezes por causa da chuva, dos roçados, da castanha, e durante esses últimos acompanhamentos foi discutido isso nas escolas, e há algumas propostas; tem uma proposta da Escola Fé em Deus, outra da escola Nova Esperança e outra da Jesus Matias, no que se refere a este período que as escolas deveriam parar. Então hoje é para a gente decidir em qual tempo a escola vai funcionar e em qual tempo ela vai parar".

"Essa coisa de definir a época é necessário também pelo fato da gente precisar de um término para as turmas que estão sendo alfabetizadas, para a gente poder organizar de uma melhor forma as épocas dos treinamentos, das reuniões de monitores. Para não ocorrer como agora, as escolas estão em pleno funcionamento, aí tem que parar para os monitores fazerem treinamento. Então vamos começar a organizar melhor as coisas".

Algumas propostas trazidas pelos monitores:

Nova Esperança - "Lá a gente discutiu e combinou o seguinte: janeiro, fevereiro e março, por causa do inverno, cai muitas árvores e é muito perigoso andar na mata nessa época. Tem também a coleta de castanha, o pessoal sai de suas colocações e vai pra onde tem castanha".

Jesus Matias: "Inicialmente a gente tinha decidido dezembro, janeiro e fevereiro, agora a comunidade acha que não precisa de férias por que nós (monitores) já saímos muito para fazer treinamento, reunião e outras coisas, e eles não entendem que isso é necessário, por mais que a gente explique. Mas esses meses é muito ruim por causa do inverno".

Fé em deus: "A gente discutiu várias vezes, e a proposta é fevereiro, março e abril, isso porque lá da muita alagação, tem muita lama e o pessoal mora muito longe, 1:30 hs até 3:00 hs de distância, então nessa época ninguém vem. Tem também a colheita do arroz e coleta de castanha que envolve todo mundo, homem, mulher e criança."

-Quer dizer que fevereiro e março não daria prá vocês.

"Não ia adiantar nada, porque em março ainda tem alagação".

Continuando a discussão em proposta das outras ficaram entre os meses de janeiro a março, sempre pelos mesmo motivos, variando apenas a escola Fé em Deus, que por esta em uma área de muitos igarapés, além das chuvas tem alagações.

Conclusão:

Ficando assim o ano letivo definido:

Escola Fé em Deus - aulas: maio a janeiro

Férias: fevereiro a abril

Demais escolas: aulas: abril a dezembro

férias: janeiro a março

Treinamento e outras atividades externas: nos meses de férias.

Para todos os envolvidos neste trabalho - equipe/monitores/alunos/comunidade - foi de fundamental importância que se procedesse desta forma a definição desse tema, já que só eles podem dizer qual o melhor tempo de estudar, e já que nossa proposta é construir juntos com os seringueiros uma escola que eles dominem em todos os sentidos.

Desta forma percebe-se que quando é dado o direito dos membros de uma comunidade opinarem e decidirem sobre assuntos que é do seu interesse, eles o fazem com sabedoria, e fazem também com que as decisões sejam cumpridas, já que sentem-se responsáveis por elas.

REUNIÃO DOS MONITORES SOBRE "O PAPEL DO MONITOR"

A intenção da equipe do Projeto Seringueiro e assessores era de discutir o papel do monitor num revezamento de opiniões entre equipe e monitores. Os monitores apresentaram a proposta de reunirem-se separadamente da equipe assessora e fazerem uma reunião, apenas entre eles, apresentando-nos à posteriori a gravação da reunião.

A reunião foi dirigida pelo monitor Pedro Teles, do seringal Boa Vista, colocação Pimenteira.

Inicialmente sucitou-se dos monitores que emitissem suas opiniões sobre o papel do monitor. E as colocações giraram em torno do espaço alternativo que representa a escola do seringueiro no sentido de ocupar esse espaço como forum de discussões sobre temas diretamente ligado aos seus problemas, tais como: Cooperativismo, ecologia, sindicalismo, reforma agrária etc. Temas estes que nas escolas ligadas à rede oficial do Estado não teriam oportunidade de discussão.

Colocação como: " -O monitor não deve apenas ensinar ler e escrever, mas dar outras informações que ajudem na nossa luta." ou " -O monitor deve também participar do sindicato para saber tudo o que ocorre na nossa luta e trazer isso para a escola.", parecem ter sido a tônica desse primeiro momento.

Na medida que as discussões foram acalorando-se, a tendência foi criar imagem de "super monitor", com um acentuado grau de moralismo, e muito confundida com a imagem do líder sindical.

Embora achasse-mos que poderíamos discutir essa imagem criada, pois cremos na possibilidade do monitor ser o agente capaz de mobilizar a comunidade para que ela discuta os seus problemas ou que seja capaz de convocar alguém com experiência e informação sobre determinadas áreas à serem abordadas, o tempo previsto para o curso não permitiu que levasse-mos á diante nosso intento.

Diante disso a equipe decidiu que no material pedagógico à ser publicado (contendo textos produzidos pelos monitores e assessores), deve constar uma referência à esse tema contendo as reflexões de ambas as partes.

O PLANACRE E O ECOSSISTEMA AMAZÔNICO

A idéia de desenvolver esse tema na II reciclagem para monitores seringueiro tem origem na estreita ligação entre o seringueiro e o ecossistema amazônico.

No bojo desse tema está a ameaça desse complexo natural representado pelos projetos econômicos que atualmente estão em andamento na região. Isso representa também o desaparecimento da figura do seringueiro que tem no extrativismo do látex a sua subsistência.

A intenção dessa abordagem era de criar no curso um momento de discussão e reflexão onde os monitores pudessem avaliar as consequências de projetos econômicos desordenados sobre a ecologia amazônica. Optei pela técnica de explorar o conhecimento empírico de seringueiro e confrontar com experiências científicas realizadas em cima desse assunto.

Os estudos da Bety Meggers serviram de base para esse diálogo. E a teoria de Derby sobre o surgimento da cordilheira andina, dando origem ao que hoje é a Amazônia, serviu para constatar a evidência da composição recente do solo. Daí partí com os monitores para exemplos da baixa fertilidade desse solo recente onde levantou-se questões como: Porque um roçado só é produtivo um ano no mesmo local? Porque as raízes das árvores são pouco desenvolvidas se comparadas com a proporção do caule e da copa? Enfim, essas constatações levaram os monitores a perceberem a fragilidade do sustentáculo da floresta onde habitam.

Num segundo momento levei aos monitores a realidade do PLANACRE (Plano de Desenvolvimento do Estado do Acre) com base nos dados das antropólogas Carmem Junqueira e Bety Midlin que atuam no Polo Noroeste, projeto econômico do qual o PLANACRE é um apêndice.

As discussões que se seguiram foram em torno da necessidade de organização entre os seringueiros para reivindicarem junto aos órgãos governamentais a preservação do solo ao qual têm direito legítimo e do qual absolutamente não são predadores. Finalmente discutiu-se a importância de uma escola alternativa onde essas informações possam ser passadas, já que a escola da rede oficial não supre essa necessidade. (Abel Kanaú)

HISTÓRICO ESCOLAR DE ALGUNS MONITORES DO CURSO

NOME	PROCEDÊNCIA	PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO
PEDRO TELES DE CARVALHO	Seringal Boa Vista, colocação Pimenteirá - Escola Jesus Matias.	Foi alfabetizado aos nove anos de idade, pelo pai, na carta do A, B, C e no livro "Vamos Estudar". Não frequentou nenhuma escola. Depois de alfabetizado praticou a leitura em revista de quadrinhos e livros de Cordel.
FRANCISCO DE ASSIS M. DE OLIVEIRA	Seringal Nova Esperança, colocação Mato Grosso - Escola Nova Esperança.	Alfabetizado pelo pai na carta do A, B, C. Estudou no seringal Cachoeira, na escola do Mobral. Fez 2º e 3º ano primário no seringal Equador. Terminou o primário em Xapuri, na escola Plácido de Castro. Estudou até a 7ª série no Ginásio Hantero Soares.
RISONETE FELIX NOGUEIRA	Seringal Boa Vista, colocação Caboré - Escola Fé em Deus.	Estudou três meses na escola da Sibéria (bairro da cidade de Xapuri). Continuou os estudos durante um ano na escola Fé em Deus (Projeto Seringueiro) com o monitor Jorge.
ROSIVARQUE DE FREITAS	Seringal Floresta, colocação Rio Branco - Escola União.	Se auto-alfabetizou através da carta do A, B, C. Fez um treinamento de 30 dias em Rio Branco pelo projeto Seringueiro, onde aprendeu mais.

ALCINO MONTEIRO DE OLIVEIRA

Seringal Nova Esperança, colocação Moto Grosso - Escola Nova Esperança.

Começou aprender ler e escrever na escola do seringal Cachoeira, aos dez anos.

ADEMIR PEREIRA RODRIGUES

Seringal Boa Vista, colocação Pimenteira - escola Jesus Matias.

Começou a frequentar a escola da colônia, no rio Xapuri. Depois veio para a cidade e estudou até a 4ª série. Fez a 5ª e 6ª série em Rio Branco, capital do Estado.

JORGE ANTONIO ALVES

Seringal Boa Vista, colocação Caboré - escola Fé em Deus.

Começou a ler e escrever com "aplicação de particulares" no seringal Boa Vista, Caboré, em 1982. Até 83, só sabia escrever o nome. No mesmo ano aprendeu mais no treinamento do Projeto Seringueiro.

JORGE GOMES PINHEIRO

Seringal São José

Começou a estudar com oito anos de idade, no seringal, na escola São Judas Tadeu II, em 73. Fez a 2ª série em 73 e a 3ª em 76. Em 78 fez a 4ª série. Em 80 e 81, fez a 5ª e 6ª série no Grupo Escolar Flaviano Flávio Batista, na cidade.

OBS: Informações coletadas de textos dos alunos, produzidos durante o curso.

ANEXO:

MATERIAL ILUSTRATIVA - "MOMENTO DO CURSO".



"Paróquia de São Sebastião e Colégio Divina Providência - local do curso".



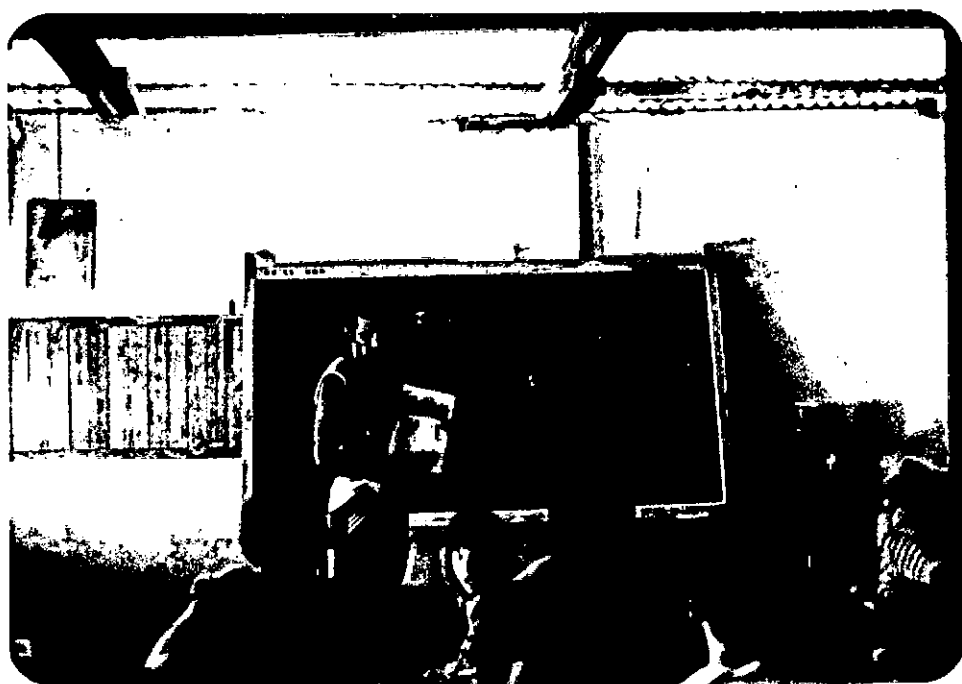
"A discontração em sala de aula".



"O cansaço da atividade intelectual".



"O Mambira - jeito criativo de fazer jornal e dar as notícias".



" Os monitores antigos trabalham com os novos na prática de dar aulas com a PORONGA".



" O compromisso sério com a aprendizagem".



"As refeições na cozinha da Paróquia".



"Final de curso - Despedida".

GLOSSÁRIO:

Barracão	.Sede do Seringal responsável pelo aviamento de mercadorias aos seringueiros e controle da produção da borracha.
Casa aviadora	.Comércio financiador de mercadorias para os barracões e marreteiros, em troca da produção de borracha.
Colocação	.Residência dos seringueiros no interior da mata para onde convergem as estradas de seringa.
Corte	.Incisão feita na seringueira com a faca de seringa para extrair o látex.
Estrada de seringa	.Caminho que interliga as seringueiras favorecendo o deslocamento dos seringueiros no trabalho do corte da seringueira e colha do látex.
Marreteiro	.Comerciante intermediário entre as casas aviadoras da cidade e os seringueiros. Detém condições de transporte da borracha e mercadorias.
Seringal	.Área de produção de borracha delimitada por um conjunto de colocações.
Seringueiro autônomo	.Pessoa que exerce a função de extrair o látex da seringueira e que não está sujeita ao controle do barracão.
Serringalista	.Proprietário de seringais.